



L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL  EM PORTUGUÊS*Unicuique suum Non praevalerunt*

Ano XLIX, número 19 (2.515)

Cidade do Vaticano

quinta-feira 10 de maio de 2018

Durante o Regina caeli o apelo do Papa a favor da República Centro-Africana

Não à violência e à vingança

Um «convite a rezar pela população da República Centro-Africana, onde recentemente foram perpetradas graves violências, com numerosos mortos e feridos, entre os quais um sacerdote», foi dirigido pelo Papa aos fiéis que ao meio-dia de 6 de maio participaram no Regina caeli na Praça de São Pedro. Depois de ter recordado que se trata de um país que teve a alegria de visitar e que conserva no coração, o Pontífice fez votos por um compromisso conjunto de todos os componentes envolvidos «para construir juntos a paz».

Precedentemente Francisco comentou o evangelho do sexto domingo de Páscoa, centrado na reco-

mendação de Jesus: «Permanecei no meu amor» (Jo 15, 9). «Habitar na corrente do amor de Deus, habitar estavelmente nele – explicou – é a condição para fazer com que o nosso amor não perca pelo caminho o seu fervor e a sua audácia». Trata-se de «um programa exigente mas não impossível».

De resto, observou, «o amor realiza-se na vida de cada dia, nas atitudes, nas ações; se assim não for, é apenas algo ilusório». São, esclareceu, apenas palavras. Não foi por acaso, prosseguiu o Papa na sua reflexão, que «várias vezes Jesus indicou o outro que devemos amar»: «aquele que, com o seu rosto e com a sua história, me interpela»; resumindo «aquele que me leva a sair dos meus interesses e das minhas seguranças». Além disso, o Pontífice evidenciou que «este amor pelos outros» não pode «acontecer só em momentos extraordinários, mas deve tornar-se a constante da nossa existência. Eis por que somos chamados – disse, dando alguns exemplos – a preservar os idosos como um tesouro precioso e com amor, mesmo se causam problemas económicos e inconvenientes». E «eis por que devemos dar aos doentes, até no último está-



do, toda a assistência possível». E «por que se devem acolher sempre os nascituros»; e por que, em síntese, a vida deve ser sempre tutelada e amada desde a conceção até ao seu fim natural». Temas que foram tratados também na parte da tarde durante a visita pastoral à paróquia do

Santíssimo Sacramento em Tor de Schiavi, na periferia leste de Roma, na qual inaugurou uma casa para deficientes e, celebrando a missa, crismou uma menina gravemente doente.

PÁGINAS 2 E 3

Aos neocatecumenais

Em missão como discípulos

«Para anunciar é preciso renunciar», pois só uma Igreja «desvinculada do poder e do dinheiro, livre de triunfalismos e clericalismos, testemunha de maneira credível que Cristo liberta o homem», afirmou o Papa na manhã de sábado, 5 de maio, durante o encontro com os membros do caminho neocatecumenal reunidos em Tor Vergata por ocasião do cinquentenário do início da experiência missionária.

PÁGINA 4

Audência ao jornal «Avenire»

Voz de uma Igreja que habita a realidade

PÁGINA 5

Mensagem vídeo do Pontífice

Contra a escravidão de hoje

PÁGINA 7

Engajamento da mulher no Brasil

No âmbito social político e cultural

PÁGINA 11

Prece, pobreza e paciência

Três pilares para a vida consagrada

Prece, pobreza, paciência: eis as três «pilares» da vida religiosa propostas pelo Papa na manhã de 4 de maio, no discurso dirigido aos participantes num congresso internacional promovido pela Congregação para os institutos de vida consagrada e as sociedades de vida apostólica. Recebendo-os em audiência na Sala Paulo VI, o Pontífice fez uma longa re-



Caravaggio
«São Francisco em oração» (detalhe)

flexão improvisada, partindo da necessidade de «discernimento» e da exigência de identificar «quais são as coisas que o Espírito quer que se mantenham fortes na vida consagrada». Precisamente nesta chave Francisco sugeriu um triplice compromisso. Começando da prece que, afirmou, é como «voltar sempre à primeira chamada», redescobrimo a «radicalidade» da escolha religiosa. E «a prece» – sublinhou – é o ar que nos faz respirar aquela chamada, renovar aquela chamada».

No respeitante ao segundo aspecto, a pobreza, o Papa afirmou novamente que ela é «a mãe» da qual brota «a fecundidade na vida consagrada» e, ao mesmo tempo, é «o muro» que «defende do espírito de mundanidade».

Falando sobre o terceiro ponto, a paciência, Francisco indicou-o como uma atitude que deve partir «das pequenas coisas, das pequenas tolerâncias, dos pequenos gestos de sorriso» para chegar «até ao sacrifício de si mesmo, da vida».

PÁGINAS 8 E 9

Pesar do Papa pelo falecimento de Mario Agnes

Faleceu no final da tarde de 9 de maio, na sua habitação no Vaticano, o diretor emérito de L'Osservatore Romano, Mario Agnes. Ao tomar conhecimento da notícia, o Papa enviou ao sobrinho Salvatore o seguinte telegrama de pêsames.

Ao receber a notícia do falecimento do Professor Mario Agnes, ex-Presidente Nacional da Ação Católica Italiana e Diretor emérito de L'Osservatore Romano, expresso-lhe, assim como a todos os familiares, o meu pesar pessoal. Desejo, em particular, recordar com gratidão o seu compromisso no laicado católico e, sobretudo, o generoso e longo serviço na Direção do jornal da Santa Sé. Enquanto garanto a minha oração a fim de que o Senhor ressuscitado acolha no seu reino glorioso o saudoso Professor, concedo-lhe, assim como a quantos choram pelo seu falecimento, a Bênção Apostólica.

FRANCISCUS PP.

Dizer não à violência e à vingança

No Regina caeli apelo a favor da República Centro-Africana

Um «convite a rezar pela população da República Centro-Africana, onde nos dias passados se verificaram graves violências» foi dirigido pelo Papa aos fiéis que ao meio dia de 6 de maio participaram no Regina caeli na Praça de São Pedro. Anteriormente o Pontífice tinha comentado o evangelho do sexto domingo de Páscoa, centrado na recomendação de Jesus: «Permanecei no meu amor» (Jo 15, 9).

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

Neste tempo pascal a Palavra de Deus continua a indicar-nos *estilos de vida* coerentes para sermos a *comunidade do Ressuscitado*. Entre eles, o Evangelho de hoje apresenta a recomendação de Jesus: «Permanecei no meu amor» (Jo 15, 9): permanecer no amor de Jesus. Habitar na corrente do amor de Deus, habitar estavelmente nele, é a condição para fazer com que o nosso amor não perca pelo caminho o seu fervor e a sua audácia. Também nós, como Jesus e n'Ele, devemos acolher com gratidão o amor que vem do Pai e permanecer neste amor, procurando não nos separarmos dele com o egoísmo e com o pecado. É um programa exigente mas não impossível.

Antes de mais é importante tomar consciência de que o amor de Cristo não é um sentimento superficial, não, é uma atitude fundamental do coração, que se manifesta vivendo como Ele quer. Com efeito, Jesus afirma: «Se guardardes os meus mandamentos, permaneceréis no

meu amor; do mesmo modo que eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai, e permaneço no seu amor» (v. 10). O amor realiza-se na vida de cada dia, nas atitudes, nas ações; se assim não for, é apenas algo ilusório. São palavras, palavras, palavras: isto não é amor. O amor é concreto, todos os dias. Jesus pede-nos para observar os seus mandamentos, que se resumem nisto: «que vos ameis uns aos outros como eu vos amei» (v. 12).

Como fazer para que este amor que o Senhor ressuscitado nos oferece possa ser partilhado pelos outros? Várias vezes Jesus indicou o outro que devemos amar, não por palavras mas por obras. É aquele que encontro no meu caminho e que, com o seu rosto e com a sua história, me interpela: é aquele que, com a sua presença, me leva a sair dos meus interesses e das minhas seguranças; é aquele que espera a minha disponibilidade para ouvir e percorrer um pouco de caminho juntos. Disponibilidade em relação ao irmão e irmã, quem quer que ele seja e qual for a situação em que se encontra, começando por quem está próximo de mim na família, na comunidade, no trabalho, na escola... Desta maneira, se eu permanecer unido a Jesus, o seu amor pode alcançar o outro e atraí-lo a si, à sua amizade.

Este amor pelos outros não pode acontecer só em momentos extraordinários, mas deve tornar-se a constante da nossa existência. Eis por que somos chamados, por exem-



pl, a preservar os idosos como um tesouro precioso e com amor, mesmo se causam problemas económicos e inconvenientes, mas devemos preservá-los. Eis por que devemos dar aos doentes, até no último estádio, toda a assistência possível. Eis por que se devem acolher sempre os nascituros; eis por que, em síntese, a vida deve ser sempre tutelada e amada desde a concepção até ao seu fim natural. E isto é amor.

Nós somos amados por Deus em Jesus Cristo, que nos pede para nos amarmos como Ele nos ama. Mas não podemos fazer isto se não tivermos em nós o mesmo Coração. A Eucaristia, na qual somos chamados

a participar todos os domingos, tem a finalidade de formar em nós o Coração de Cristo, de modo que toda a nossa vida seja guiada pelas suas atitudes generosas. A Virgem Maria nos ajude a permanecer no amor de Jesus e a crescer no amor para com todos, sobretudo para com os mais débeis, a fim de corresponder plenamente à nossa vocação cristã.

No final da prece mariana o Pontífice recordou a beatificação, celebrada no dia anterior na Alemanha, de Clara Fey, fez um apelo a favor do país africano e encorajou a prosseguir o compromisso em benefício dos menores vítimas de violências.

Amados irmãos e irmãs!

Ontem, em Aachen (Alemanha) foi proclamada Beata Clara Fey, fundadora das Irmãs do Menino Jesus Pobre, que viveu na segunda metade do século XIX. Demos graças a Deus por esta testemunha zelosa do Evangelho, educadora cuidadora da juventude desfavorecida.

Convido a rezar pela população da República Centro-Africana, país que teve a alegria de visitar e que levo no coração, e onde nos dias passados se verificaram graves violências com numerosos mortos e feridos, entre os quais um sacerdote. O Senhor, por intercessão da Virgem Maria, ajude todos a dizer não à violência e à vingança, para construir juntos a paz.

Saúdo os representantes da Associação Meter, os quais encorajo a prosseguir o compromisso a favor das crianças vítimas da violência; assim como os fiéis de Piacenza e Borgorico e as atletas ginastas de Castel Franco Emilia.

A todos desejo bom domingo. E por favor não vos esqueçais de rezar por mim. Bom almoço e até à vista!

Em defesa das crianças vítimas de abusos

O silêncio indiferente alimenta a impunidade

ROBERTA GISOTTI

«Eu vou; e tu?». O convite é para domingo 6 de maio na praça de São Pedro, para a oração do Regina caeli juntamente com o Papa, por ocasião do dia dedicado às crianças vítimas da violência, da exploração e da indiferença no respeitante à pedofilia. Ao chegar à sua vigésima segunda edição a iniciativa pôde contar com uma adesão de cerca de quarenta dioceses italianas, mas também com o apoio da conferência episcopal e do patrocínio do Senado e da Câmara dos Deputados, e foi promovida pela associação Meter, fundada e presidida pelo sacerdote siciliano padre Fortunato Di Noto, pároco em Ávola, onde é diretor do primeiro setor pastoral para fragilidades, que se ocupa da escuta e do acolhimento de quantos se encontram em situa-

ções de sofrimento ligados a abusos sexuais e a aliciamentos online de crianças.

«É deveras doloroso e desconcertante — escreve o bispo Nunzio Galantino, secretário-geral da Conferência episcopal italiana (Cei), numa carta dirigida ao padre Di Noto — constatar que uma sociedade como a nossa, que devido a mil inovações e conquistas se considera avançada, tão frequentemente não saiba agir em defesa dos menores, pelos quais é responsável e que apresentam o seu futuro. Quantas crianças são abandonadas à mercê de quem as explora, sofrendo as violências mais obscuras da pedofilia e da pornografia infantil» lê-se na carta. O secretário-geral da Cei focaliza as crianças vítimas dos seus carnífcios, mas também da indiferença, «dado que se considera que a única violência capaz de ceifar ví-

timas seja a força ou a opressão. Ao contrário — observa o bispo — inclusive a indiferença faz mal, também ela é violenta e causa feridas profundas na vida das pessoas, sobretudo quanto mais forem débeis, como acontece com os pequeninos». Portanto, «ou se escolhe a indiferença ou o compromisso incansante: não há outra alternativa» conclui a carta, anunciando que nos próximos meses a comissão da Cei para a tutela dos menores elaborará algumas «linhas de prevenção e formação» para as dioceses.

«Ninguém nos venha dizer — explica a L'Osservatore Romano padre Fortunato Di Noto — que a pedofilia, a pornografia infantil, os abusos sexuais e as violências sistemáticas contra as crianças não são uma emergência global. Estamos

CONTINUA NA PÁGINA 10

L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL EM PORTUGUÊS
Unicuique suum Non praevalebunt

Cidade do Vaticano
ed.portugues@ossrom.va
www.osservatoreromano.va

GIOVANNI MARIA VIAN
diretor

Giuseppe Fiorentino
vice-diretor

Redação
via del Pellegrino, 00120 Cidade do Vaticano
telefone +39069899420
fax +39069883975

TIPOGRAFIA VATICANA EDITRICE
L'OSSERVATORE ROMANO

Serviço fotográfico
telefone +390669884797
fax +390669884998
photo@ossrom.va

Assinaturas: Itália - Vaticano: € 58,00; Europa: € 100,00 - U.S. \$ 148,00; América Latina, África, Ásia: € 110,00 - U.S. \$ 160,00; América do Norte, Oceânia: 162,00 - U.S. \$ 240,00.

Administração: telefone +390669899480; fax +390669885164; e-mail: assinaturas@ossrom.va

Para o Brasil: Impressão, Distribuição e Administração: Editora santuario, televidens: 0800-160004, fax: 0055213042036, e-mail: ossrom@editoriasantuario.com.br

Publicidade Il Sole 24 Ore S.p.A., System Comunicazione Pubblicitaria, Via Monte Rosa, 91, 20149 Milano, segreteria@redirezionesystem@ilsol24.ore.com

Visita à paróquia romana do Santíssimo Sacramento em Tor de' Schiavi

Amar significa trabalhar pelos outros

Na tarde de 6 de maio, sexto domingo de Páscoa, o Pontífice foi em visita pastoral à paróquia romana do Santíssimo Sacramento em Tor de' Schiavi. Publicamos a homília pronunciada por Francisco comentando o trecho do evangelho de João (15, 9-17), durante a missa celebrada na igreja paroquial.

Jesus, antes de ir ao jardim das oliveiras e começar a sua Paixão – Jesus sofreu muito no jardim das oliveiras – pronunciou um longo discurso à mesa com os discípulos. E ele aconselha algo importante, dá um conselho muito importante. “Permanecei no meu amor”. Este foi o conselho que Jesus deu aos seus antes de sofrer e de morrer. E é também o conselho que nos dá, a cada um de nós. Jesus diz-nos: “Permanecei no meu amor. Não saiais do meu amor”. E cada um de nós pode questionar-se no coração – no próprio coração: “Permanecei no amor do Senhor? Ou saio procurando outras realidades, outros divertimentos, outros comportamentos de vida?”. Mas “permanecer no amor” é fazer o que Jesus fez por nós. Ele ofereceu a vida. Ele foi o nosso servo: veio para nos servir. “Permanecer no amor” significa servir os outros, estar ao serviço dos outros. O que é o amor? Queremos pensar no que é o amor? “Ah, sim, vi um filme na tv sobre o amor, era bonito... Com aquele casal de namorados... E depois, acabou mal, que pena!”. Não é assim. O amor é outra coisa. O amor é cuidar dos outros. Não é tocar violinos, muito romântico... O amor é trabalho. Quantas de vós sois mães, recordai quando os filhos eram pequenos: de que modo amáveis os vossos filhos? Com o trabalho. Cuidando deles. Eles choravam... era preciso amamentá-los; trocar as suas fraldas; isto, aquilo... O amor é sempre trabalho para os outros. Porque o amor se mostra com as obras, não com as palavras. Recordai aquela canção: “Palavras, palavras, palavras” [“Parole, parole, parole”]. Muitas vezes são apenas palavras. Ao contrário, o amor é concreto. Cada um deve pensar: o meu amor pela minha família, no bairro, no trabalho: é serviço aos outros? Preocupo-me pelos outros? Estive na parte de cima – chamam-na a “Casa da Alegria” – mas poderia chamar-se a “Casa do Amor”, porque esta paróquia se ocupa de muitos que precisam ser cuidados, ser vigiados. E isto é amor. Amor é trabalho, trabalho para os outros. O amor está nas obras, não nas palavras. “Amo-te”. “E o que fazes por mim se me amas?”. Cada enfermo do bairro se pergunta: “Que fazes por mim?”. Na vossa família, se amas os teus filhos, sejam pequenos ou grandes, os pais, os idosos, o que fazes por eles? Para ver como vai o amor, devemos questionar-nos sempre: o que faço? “Mas, padre, onde aprendemos isto?”. Com Jesus. E na segunda leitura há uma frase que nos pode abrir os olhos: “Nisto manifestou-se o amor de Deus em nós: Deus enviou ao mundo o seu Filho”. Nisto consiste o amor. Não fomos nós a amar Deus mas Ele amou-nos em primeiro lugar. O Se-

nhor ama sempre em primeiro lugar. Espera-nos com o amor. Também nós podemos perguntar-nos: espero os outros com amor? E depois fazer uma lista de perguntas. Por exemplo: o mexerico é amor? Quem fala mal dos outros... Não, não é amor. Falar mal das pessoas não é amor. “Oh... eu amo a Deus. Faço cinco

novenas por mês. Faço isso e aquilo...”. Sim, mas... como é a tua língua? Como vai a tua língua? É exatamente esta a pedra de comparação para ver o amor. Amo os outros? Pergunta-te: como vai a minha língua? Dir-te-á se é amor verdadeiro. Deus amou-nos em primeiro lugar. Espera-nos sempre com o amor.

Amo em primeiro lugar ou espero que me deem algo para amar? Como os cãesinhos que esperam o prêmio, algo para comer e depois fazem festa ao dono. O amor é gratuito, em primeiro lugar. Mas o termómetro para saber a temperatura do meu amor é a língua. Não vos esqueçais disto. Quando estiverdes para fazer o exame de consciência, antes da confissão ou em casa, perguntai-vos: fiz o que Jesus me disse: “Permanecei no meu amor”? E como posso saber? Pelo modo como a minha língua se comporta. Se falou mal dos outros, não amei. Se esta paróquia conseguisse nunca falar mal dos outros, poderia ser canonizada! E, pelo menos, como disse noutras ocasiões: fazei o esforço de não falar mal dos outros. “Mas, padre, indique-nos um remédio para deixar de falar mal dos outros”. É fácil. Está ao alcance de todos. Quando te vier vontade de falar mal dos outros, morde a tua língua! Ficarà inchada, mas certamente já não falarás mal.

Peçamos ao Senhor para “permanecer no amor” e compreender que o amor é serviço, é cuidar dos outros. E a graça de entender que o termómetro para saber como está o amor é a língua.

Todos acompanharemos Maia que vai receber a Confirmação.

[Rito da Confirmação]



O Papa beija Maia, a menina de onze anos gravemente doente, depois de lhe ter conferido o sacramento da Confirmação

Com a vitamina da família

«Os grandes valores da vida – a fé – são transmitidos só “em dialeto”, isto é, na linguagem da família». Ao encontrar as crianças, os adolescentes da catequese, os jovens, os escoteiros e as suas famílias no campo desportivo da igreja do Santíssimo Sacramento, o Papa Francisco, interpelado por algumas perguntas, orientou a atenção para o estilo da vida familiar e da “grande família” que é a comunidade paroquial.

«Como fazer compreender aos pais a importância de não deixar sozinhos os filhos e de os acompanhar no caminho e na educação para a fé?» perguntou Mauro ao Pontífice, um pai engajado nas atividades do oratório. Improvisando um diálogo, às vezes até divertido, com os presentes – eram cerca de mil pessoas reunidas diante do grande grafite de Nossa Senhora do perdão desenhado na parede externa da igreja – Francisco frisou a importância da pergunta formulada por Mauro: «O senhor tocou uma chaga...». E lamentou a situação frequente de muitas crianças que crescem, de facto, sem uma família porque os pais estão demasiado ocupados para cuidar delas. Mas se crescerem sozinhos, os filhos «crescerão frágeis», afirmou, dando um exemplo: «É um problema de “vitamina”! O problema da vitamina que a família dá, que te faz crescer forte». Portanto, acrescentou, é fundamental que os pais nunca considerem uma perda de tempo estar com os filhos, brincar com

eles, ouvir as suas perguntas. Fazendo-se ajudar também pelos avós que, muito injustamente, o mundo insere «na lista do descarte». O «núcleo do amor», afirmou Francisco, «é a família: o que não se aprende na família, dificilmente se aprenderá fora».

Este estilo de «proximidade» é válido também para a família que a Igreja deve ser e, no específico, a comunidade paroquial. A oportunidade para aprofundar tal aspeto chegou com as duas perguntas sucessivas, de Simona, animadora do oratório, que sem rodeios perguntou por que os jovens nem sempre percebem que a Igreja os ama de verdade, e a de Beatrice, do grupo de adolescentes, que perguntou ao Papa: «Como posso fazer entender

aos meus amigos que a Igreja é um lugar de amor?».

Retomando o que tinha dito na manhã durante o Regina caeli, o Pontífice recordou que «não se prega o Evangelho com palavras, com argumentos, mas com proximidade, testemunhos e coerência», e recomendou: «Deveríeis pedir isto aos pastores». Porque, acrescentou, a virtude que todos devem ter na Igreja é «a proximidade». A Igreja, explicou Francisco, não admite rostos tristes, caras de funeral, mas infelizmente, disse suscitando uma risada geral, «muitos pastores são chatos». Mas «o Evangelho traz alegria, sempre». Eis a sugestão para Beatrice e para todos os adoles-

CONTINUA NA PÁGINA 14



No discurso aos neocatecumenais o Papa recordou que só caminhando juntos é possível testemunhar Cristo

Missão significa tornar-se discípulo

«Para anunciar é necessário renunciar», pois só uma Igreja «desapegada do poder e do dinheiro, livre de triunfalismos e clericalismos, testemunha de modo credível que Cristo liberta o homem», recordou o Papa Francisco na manhã de 5 de maio, durante o encontro com os membros do Caminho neocatecumenal, reunidos em Tor Vergata por ocasião do cinquentenário do início da experiência missionária em Roma.

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

Estou feliz por me encontrar convosco e, convosco, dizer: obrigado! Graças a Deus, e também a vós, sobretudo a quantos fizeram uma longa viagem para estar aqui. Obrigado pelo “sim” que disestes, por terdes acolhido a chamada do Senhor, a viver o Evangelho e a evangelizar. E dirijo um profundo agradecimento também a quantos começaram o Caminho neocatecumenal, há cinquenta anos.

Cinquenta é um número importante na Escritura: no quinquagésimo dia, o Espírito do Ressuscitado desceu sobre os Apóstolos e manifestou a Igreja ao mundo. Antes ainda, Deus tinha abençoado o quinquagésimo ano: «O quinquagésimo ano será para vós um jubileu» (Lv 25, 11). Um ano santo, no qual o povo eleito teria sentido concretamente novas realidades, como a libertação e o regresso dos opressores para casa: «Anunciareis a liberdade na terra para todos os seus habitantes – oráculo do Senhor – [...] Voltareis todos para as vossas terras e para a vossa família» (v. 10). Eis, depois de cinquenta anos de Caminho, seria bom que cada um de vós dissesse: «Obrigado, Senhor, porque realmente me libertastes; porque na Igreja encontrei a minha família; porque no vosso Batismo passou o que era velho; eis que tudo se fez novo» (cf. 2 Cor 5, 17); porque através do Caminho Vós me indicastes a vereda para descobrir o vosso terno amor de Pai».

Caros irmãos e irmãs, no final cantareis o *“Te Deum* em ação de graças pelo amor e a fidelidade de Deus”. Isto é muito bonito: dar graças a Deus pelo seu amor e pela sua fidelidade. Damos-lhe graças frequentemente pelos seus dons, por aquilo que Ele nos concede, e é bom fazê-lo. Mas é ainda melhor dar-lhe graças por aquilo que é, porque Ele é o Deus fiel no amor. A sua bondade não depende de nós. Qualquer coisa que façamos, Deus continua a amar-nos fielmente. Esta é a fonte da nossa confiança, a grande consolação da vida. Então, ânimo, nunca vos entristeçais! E quando as nuvens dos problemas parecem adensar-se pesadamente sobre os vossos dias, recordai-vos que o amor fiel de Deus resplandece sempre, como sol que não se põe. Fazei memória do seu bem, que é mais forte do que todo o mal, e a dócil recordação do amor de Deus ajudar-vos-á em todas as angústias.

Ainda falta um agradecimento importante: a quantos de vós estais para partir em missão. Quero dizer-vos

algo de coração, precisamente sobre a missão, a evangelização, que é a prioridade da Igreja hoje. Porque missão é dar voz ao amor fiel de Deus, é anunciar que o Senhor nos ama e que nunca se cansará de mim, de ti, de nós e deste nosso mundo, do qual talvez nós nos cansemos. Missão significa oferecer aquilo que nós recebemos. Missão é cumprir o mandato de Jesus, que ouvimos, e sobre o qual gostaria de meditar juntamente convosco: «Ide, pois, e fazei discípulos de todas as nações» (Mt 28, 19).

Ide. A missão pede para partir. Mas na vida é forte a tentação de ficar, de não correr riscos, de se contentar, tendo a situação sob controle. É mais fácil permanecer em casa, circundados por quantos nos amam, mas este não é o caminho de Jesus. Ele envia: “Ide!”. Não usa meias-medidas. Não autoriza transferências breves, nem viagens reembolsadas, mas aos seus discípulos, a todos os seus discípulos, diz uma única palavra: “Ide!”. Ide: uma chamada forte, que ressoa em todos os âmbitos da vida cristã; um convite claro a estarmos sempre em saída, peregrinos pe-

tu, depois tu, depois tu...”, mas “Ide”, juntos! Plenamente missionários não são os que partem sozinhos, mas quantos caminham juntos. Caminhar juntos é uma arte a aprender sempre, cada dia. É preciso estar atento, por exemplo, a não ditar o passo aos outros. Ao contrário, é necessário acompanhar e esperar, recordando que o caminho do outro não é idêntico ao meu. Assim como na vida ninguém tem o passo exatamente igual ao do outro, o mesmo acontece também na fé e na missão: vamos em frente juntos, sem nos isolarmos e sem impormos o nosso sentido de marcha, unidos; como Igreja, vamos em frente unidos aos Pastores, a todos os irmãos, sem fugas para a frente e sem nos queixarmos contra aqueles que têm o passo mais lento. Somos peregrinos que, acompanhados pelos irmãos, acompanham outros irmãos, e é bom fazê-lo pessoalmente, com atenção e respeito pelo caminho de cada um e sem forçar o crescimento de ninguém, porque a resposta a Deus somente amadurece na liberdade autêntica e sincera.

simplicidade e louvor. Levai esta atmosfera familiar a muitos lugares desolados e desprovidos de afeto. Deixai-vos reconhecer como amigos de Jesus. A todos chamai amigos e de todos sede amigos.

«Ide, pois e fazei discípulos de todas as nações». E quando Jesus diz *todas* parece que deseja ressaltar que no seu Coração há lugar para todos os povos. Ninguém está excluído. Assim como os filhos para um pai e uma mãe: não obstante sejam muitos, grandes e pequenos, cada um é amado de todo o coração. Pois quando é doado, o amor não diminui, mas aumenta. E é sempre esperançoso. Como os pais, que não veem antes de tudo os defeitos e as faltas dos filhos, mas os próprios filhos, e nesta luz acolhem os seus problemas e as suas dificuldades, assim fazem os missionários com os povos amados por Deus. Não colocam em primeira fila os aspetos negativos, nem as realidades que devem ser mudadas, mas “veem com o coração”, com um olhar que aprecia, uma abordagem que respeita, uma confiança que tem paciência. Ide assim em missão, pensando em “jogar



lo mundo, em busca do irmão que ainda não conhece a alegria do amor de Deus.

Mas como se faz para partir? É preciso ser ágil, não podemos levar connosco todos os objetos de casa. A Bíblia ensina-o: quando Deus libertou o povo eleito, fê-lo caminhar pelo deserto somente com a bagagem da confiança n'Ele. E, quando se fez homem, Ele mesmo caminhou na pobreza, sem ter onde reclinar a cabeça (cf. Lc 9, 58). E pede aos seus que tenham o mesmo estilo. Para ir, é preciso ser ligeiro. Para *anunciar* é necessário *renunciar*. Somente uma Igreja que renuncia ao mundo, anuncia bem o Senhor. Só uma Igreja desapegada do poder e do dinheiro, livre de triunfalismos e clericalismos, testemunha de modo credível que Cristo liberta o homem. E quem, pelo seu amor, aprende a renunciar às realidades que passam, abraça este grande tesouro: a liberdade. Já não permanece preso nos seus apegos, que sempre reclamam algo mais, mas nunca concedem a paz, e sente que o coração se dilata, sem inquietações, disponível a Deus e aos irmãos.

“Ide” é o verbo da missão e diz-nos mais uma coisa: que se conjuga no plural. O Senhor não diz: “Vai

Jesus Ressuscitado diz: «Fazei discípulos». Eis a missão. Não diz: conquistai, ocupai, mas “fazei discípulos”, ou seja, partilhai com os outros o dom que recebestes, o encontro de amor que vos transformou a vida. É o âmago da missão: testemunhar que Deus nos ama e que, com Ele, é possível o verdadeiro amor, aquele que leva a oferecer a vida em toda a parte, em família, no trabalho, como consagrados e como casados. Missão é voltar a ser discípulos com os novos discípulos de Jesus. É redescobrir-se parte de uma Igreja que é discípula. Sem dúvida, a Igreja é mestra, mas não pode ser mestra, se antes não for discípula; assim como não pode ser mãe, se antes não for filha. Eis a nossa Mãe: uma Igreja humilde, filha do Pai e discípula do Mestre, feliz por ser *irmã da humanidade*. E esta dinâmica do discipulado – o discípulo que faz discípulos – é totalmente diferente da dinâmica do proselitismo.

Nisto consiste a força do anúncio, para que o mundo creia. Não são importantes os argumentos que convencem, mas a vida que atrai; não a capacidade de se impor, mas a coragem de servir. E vós tendes no vosso “ADN” esta vocação para anunciar, vivendo em família, a exemplo da Sagrada Família: com humildade,

em casa”. Porque o Senhor é de casa junto de cada povo, e o seu Espírito já semeou antes da vossa chegada. E pensando no nosso Pai, que ama muito o mundo (cf. Jô 3, 16), sede apaixonados de humanidade, colaboradores da alegria de todos (cf. 2 Cor 1, 24), influentes porque próximos, que são ouvidos porque permanecem perto. Amai as culturas e as tradições dos povos, sem aplicar modelos predeterminados. Não comecei pelas teorias e pelos esquemas, mas pelas situações concretas: assim, o Espírito há de plasmar o anúncio, segundo os seus tempos e os seus modos. E a Igreja crescerá à sua imagem: unida na diversidade dos povos, dos dons e dos carismas.

Estimados irmãos e irmãs, o vosso carisma é uma grande dádiva de Deus para a Igreja do nosso tempo. Demos graças ao Senhor por estes cinquenta anos: um aplauso pelos cinquenta anos! E olhando para a sua fidelidade paterna, fraterna e amorosa, nunca percais a confiança: Ele amparar-vos-á, impelindo-vos ao mesmo tempo a partir, como discípulos amados, rumo a todos os povos, com simplicidade humilde. Acompanho-vos e encorajo-vos: ide em frente! E, por favor, não vos esqueçais de rezar por mim, que permaneço aqui!

Ao jornal «Avvenire» o Pontífice pediu que se evite a informação de fácil consumo

Voz de uma Igreja que habita e serve a realidade

«Espero que possais vós também exprimir uma Igreja que não olha para a realidade nem de fora nem de cima, mas vai dentro, se mistura, habita-a»: recomendou o Papa Francisco aos dirigentes e jornalistas do diário italiano «Avvenire», recebidos em audiência com os seus familiares a 1 de maio, na Sala Clementina.

Queridos amigos de *Avvenire!*

Em vós saúdo um laicado que trabalha num âmbito relevante e exigente como é o da comunicação. Saúdo o Presidente da Conferência Episcopal Italiana, Cardeal Gualtiero Bassetti, ao qual agradeço as suas palavras; saúdo o Secretário-Geral, D. Galantino, e D. Semeraro, que preside ao vosso Conselho de Administração.

Sinto-me feliz por partilhar este momento convosco e por o fazer no dia dedicado a São José operário. É fácil afeiçoar-se à figura de São José e recomendar-se à sua intercessão. Mas para sermos deveras seus amigos é preciso seguir as suas pegadas, que revelam um reflexo do estilo de Deus.

José é o homem do silêncio. À primeira vista, poderia parecer até a antítese do comunicador. Na realidade, unicamente desligando o barulho do mundo e das nossas conversas é possível a *escuta*, a qual permanece a primeira condição de qualquer comunicação. O silêncio de José é habitado pela voz de Deus e gera aquela obediência da fé que leva a orientar a existência, deixando-se guiar pela sua vontade.

Não por acaso, José é o homem que sabe acordar e levantar-se de noite, sem desanimar sob o peso das dificuldades. Sabe caminhar na escuridão de certos momentos que não compreende totalmente, fortalecido por uma chamada que o coloca diante do mistério, pelo qual aceita deixar-se envolver e ao qual se entrega sem hesitações.

Por conseguinte, José é o homem justo, capaz de se entregar ao sonho de Deus levando por diante as suas promessas. É o guarda discreto e amoroso, que sabe cuidar das pessoas e das situações que a vida confiou à sua responsabilidade. É o educador que — sem nada pretender para si — se torna pai graças à sua presença, à sua capacidade de acompanhar, de fazer crescer a vida e transmitir uma *profissão*. Sabemos quanto é importante esta última dimensão, com a qual está relacionada a festa de hoje. Com efeito, precisamente o trabalho está estreitamente relacionado com a dignidade da pessoa; não com o dinheiro, nem com a visibilidade ou com o poder, mas com o trabalho. Um trabalho que dê a cada um, seja qual for a sua função, a possibilidade de gerar aquele empenhamento entendido como «*actus personae*» (cf. Enc. *Caritas in veritate*, 41), no qual a pessoa e a sua família são mais importantes que a eficiência por si só.

Considerando bem, da carpintaria de Nazaré à redação de *Avvenire*, o passo não é muito longo!

Certamente, na vossa «caixa de ferramentas» hoje há instrumentos tecnológicos que modificaram profundamente a profissão, e também a própria maneira de sentir e pensar, de viver e comunicar, de se interpretar e relacionar. A cultura digital exigiu de vós uma reorganização do trabalho, juntamente com uma disponibilidade ainda maior a colaborar entre vós e a harmonizar-vos com os outros meios de comunicação relacionados com a Conferência Episcopal Italiana: a Agência *Sir*, *Tv2000* e o Circuito radiofónico *In-Blu*. Analogamente ao que está a acontecer no setor da comunicação da Santa Sé, a convergência e a interatividade que as plataformas digitais permitem devem favorecer sinergias, integração e gestão unitária. Esta transformação requer percursos formativos e atualizações, conscientes de que o apego ao passado se poderia revelar uma tentação perniciosa. São autênticos servidores da tradição aqueles que, ao recordá-la, sabem discernir os sinais dos tempos (cf. *Gaudium et spes*, 11) e abrir novos percursos.

Provavelmente, tudo isto já faz parte do vosso compromisso diário no âmbito de um progresso tecnológico que redesenha a nível global a presença dos *mass media*, a posse da informação e do conhecimento. Neste cenário, a Igreja sente que não pode deixar faltar a sua voz, para ser fiel à missão que a chama a anunciar a todos o Evangelho da misericórdia. Os meios de comunicação oferecem potencialidades enormes a fim de contribuir, com o vosso serviço pastoral, para a cultura do encontro.

Para focar esta missão, entremos por um momento juntos na oficina do carpinteiro; voltemos à escola de São José, onde a comunicação se reconduzida à verdade, beleza e bem comum.

Como tive ocasião de salientar, hoje «a velocidade da informação supera a nossa capacidade de reflexão e discernimento, e não permite uma expressão equilibrada e correta de si mesmo» (*Mensagem para o 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais*, 1 de junho de 2014). Também como Igreja estamos expostos ao impacto e à influência de uma cultura da pressa e da superficialidade: mais que a experiência, conta o que é imediato, o que está ao nosso alcance e pode ser imediatamente usufruído; mais do que o confronto e o aprofundamento, corremos o risco de nos expormos à pastoral do aplauso, a um nivelamento do pensamento, a uma difundida desorientação de opiniões que não se encontram.

O carpinteiro de Nazaré recorda-nos a urgência de reencontrar um sentido de lentidão sadia, de calma e de paciência. Com o seu silêncio lembra-nos que tudo inicia com a *escuta*, com o transcender-se a si mes-



Georges de la Tour, «São José carpinteiro»

mo para se abrir à palavra e à história do outro.

Para nós o silêncio implica duas coisas. Por um lado, não perder as *raízes culturais*, não deixar que se deteriorem. O caminho para cuidar delas é reencontrar-nos sempre de novo no Senhor Jesus, até fazer nossos os seus sentimentos de humildade e ternura, de gratuidade e compaixão. Por outro lado, uma Igreja que vive da contemplação do rosto de Cristo não tem dificuldade em reconhecê-lo no *rosto do homem*. E sabe deixar-se interpelar por esse rosto, superando miopias, deformações e discriminações.

O diálogo vence a suspeita e derrota o medo. O diálogo põe em comum, estabelece relações, desenvolve uma cultura da reciprocidade. Enquanto se coloca como artífice de diálogo, a Igreja é purificada e ajudada na própria compreensão da fé pelo diálogo.

Também vós, queridos amigos de *Avvenire*, preservai a herança dos pais. Nunca vos canseis de *procurar com humildade a verdade*, a partir da frequência habitual da Boa Nova do Evangelho. Que esta seja a linha editorial, com a qual relacionar a vossa integridade: a profissão requer que sejais assim, por ser tão alta a sua dignidade. Então, tereis luz para o discernimento e palavras verdadeiras para captar a realidade e chamá-la pelo nome, evitando reduzi-la a uma sua caricatura.

Deixai-vos questionar por quanto acontece. Ouvi, aprofundai, confrontai-vos. Mantende-vos distantes dos becos sem saída nos quais se debate quem presume que já entendeu tudo. Contribui para superar as contraposições estereis e danosas. Com o testemunho do vosso trabalho tornai-vos companheiros de viagem de todo aquele que se dedica à justiça e à paz.

José, o homem do silêncio e da *escuta*, é também o homem que de noite não perde a capacidade de so-

nhar, de confiar e de se entregar. O sonho de José é visão, coragem, obediência que move o coração e as pernas. Este santo é ícone do nosso povo santo, que reconhece em Deus a referência que abraça com sentido unitário toda a vida.

Esta fé mobiliza para a ação e suscita bons hábitos. É olhar que acompanha processos, transforma problemas em oportunidades, melhora e constrói a cidade do homem. Faço votos de que saibais afinar e defender sempre este olhar; superar a tentação de não ver, afastar ou excluir. E encorajo-vos a não discriminar; a não considerar ninguém como excesso; a não vos contentardes com aquilo que todos veem. Que ninguém dite a vossa agenda, a não ser os pobres, os últimos, os sofredores. Não aumenteis a fila dos que se precipitam a narrar aquela parte de realidade que já está iluminada pelos refletores do mundo. Parti das periferias, cientes de que não são o fim, mas o início da cidade.

Como admoestava Paulo VI, os jornais católicos não devem «mostrear coisas que impressionam ou que fazem ganhar clientela. Nós devemos fazer o bem aos que ouvem, devemos educá-los a pensar, a julgar» (*Discurso aos agentes das comunicações sociais*, 27 de novembro de 1971). O comunicador católico evita as inflexibilidades que sufocam e aprisionam. Não põe «o Espírito Santo na gaiola» (*ibid.*), mas procura «deixá-lo voar, deixá-lo respirar na alma» (*ibid.*). Faz com que a realidade nunca ceda o lugar à aparência, a beleza à vulgaridade, a amizade social à conflitualidade. Cultiva e reforça qualquer rebento de vida e de bem.

Que as dificuldades não vos bloqueiem: é suficiente voltar um momento ao clima que há 50 anos envolveu a gestação do projeto de *Avvenire* para recordar quantas perplexidades e resistências, quantas desconfiâncias e contrariedades procura-

O Papa visitou a Academia eclesiástica

Ao longo destes cinco anos de ministério pastoral como sucessor do apóstolo Pedro, o Papa habituou-nos a gestos que, muito mais do que as palavras, manifestam a sua proximidade em relação a pessoas, realidades e situações; são gestos que fazem bem ao coração, que tornam presente a misericórdia e a bondade de Deus e que encorajam a caminhar com alegria e empenho na vida, na fé e no ministério, também e sobretudo no meio das dificuldades.

A visita que o Pontífice realizou na tarde de 3 de maio à Pontifícia Academia Eclesiástica foi um destes gestos. Com efeito, também este ano, o Santo Padre foi à praça da Minerva para se encontrar de forma particular com esta comunidade, composta atualmente por 35 sacerdotes, provenientes de 19 países, que

fazem um percurso específico de formação para o ministério pastoral nas nunciaturas apostólicas e nas missões da Santa Sé espalhadas pelo mundo. O Papa Francisco conhece bem esta casa e está ciente do precioso serviço que desempenham os representantes pontifícios para promover a reconciliação e a unidade na Igreja, na sociedade civil e na comunidade internacional, muitas vezes em situações problemáticas e difíceis.

O Santo Padre presidiu à oração das vésperas e logo a seguir começou um diálogo aberto e prolongado com a comunidade sobre vários temas relativos ao serviço diplomático da Santa Sé, à vida da Igreja e à situação do mundo de hoje. O Pontífice decidiu não pronunciar discurso algum, preferindo ouvir uma série de perguntas que lhe foram feitas pelos alunos, às quais respondeu com liberdade e simplicidade. Foram abordados vários assuntos: o próximo sínodo pan-amazónico, que representa uma concretização da encíclica *Laudato si'*; o delicado tema dos abusos sexuais contra menores; as relações com as outras confissões cristãs e com as religiões; a dimensão sinodal da Igreja e o papel do bispo de Roma; e a situação que a Igreja vive em várias partes do mundo.



Ao jornal «Avvenire»

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 5

ram impedir a vontade de Paulo VI acerca do nascimento de um diário católico de caráter nacional.

Por fim, José é o Santo *guarda*, o homem da *concretização* e da *proximidade*. No fundo, o segredo da sua paternidade, ou seja aquilo que o tornou deveras pai, consiste precisamente nesta disponibilidade a cuidar do outro. A existência do esposo da Virgem é chamada e apoio a uma Igreja que não aceita a redução da fé à esfera privada e íntima, nem se resigna a um relativismo moral que anula e desorienta.

Espero que possais vós também exprimir uma Igreja que não olha para a realidade nem de fora nem de cima, mas vai dentro, se mistura, habita-a e — em virtude do serviço que oferece — suscita e dilata a esperança de todos.

Encorajo-vos a preservar a dimensão do presente; a evitar a informação de fácil consumo, que não compromete; a reconstruir os contextos e a explicar as causas; a aproximar-se sempre das pessoas com grande respeito; a apostar nos vínculos que constituem e reforçam a comunidade.

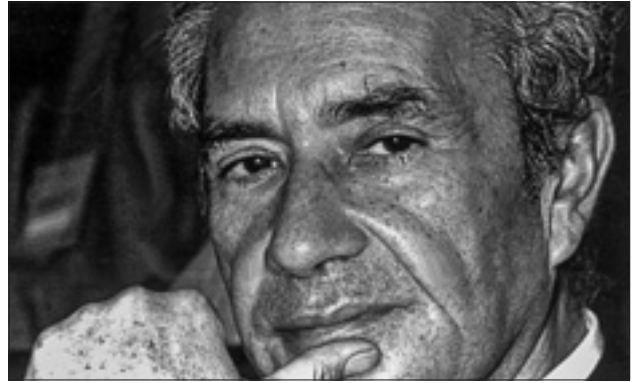
Nada como a misericórdia cria proximidade, suscita atitudes de proximidade, favorece o encontro e pro-

move uma consciência solidária. Fazer-se seus mensageiros é o caminho para contribuir para a renovação da sociedade no sinal do bem comum, da dignidade de cada um e da plena cidadania.

É preciso dar voz aos valores encarnados na memória coletiva e às reservas culturais e espirituais do povo; de contribuir para levar ao mundo social, político e económico a sensibilidade e as orientações da Doutrina social da Igreja, sendo, nós seus primeiros fiéis intérpretes e testemunhas.

Não tenhais medo de participar. As palavras — as verdadeiras — pesam: só as defende quem as encarna na vida. Aliás, o testemunho concorre para a vossa própria credibilidade. Um testemunho apaixonado e jubiloso. São os votos conclusivos que vos dirijo, fazendo minhas mais uma vez as palavras do Beato Paulo VI: «A causa precisa do amor: se não se ama esta causa, veremos as dificuldades, veremos também, diria, os inconvenientes, as polémicas, as dividas [...]. Devemos ter um grande amor pela causa, dizer que acreditamos naquilo que estamos a fazer e que desejamos fazer» (*ibid.*).

Peço-vos que, deste amor, faça parte também a vossa oração por mim. Obrigada!



Assassinado há quarenta anos

Aldo Moro homem da escuta

GIOVANNI MARIA VIAN

O sequestro e o assassinio de Aldo Moro e a memória ainda incrível e angustiada daqueles dias marcaram de modo indelével a história italiana das últimas décadas. No entanto, tudo isto não deve ofuscar a figura e a obra deste homem que Paulo VI, na carta de 21 de abril de 1978 às Brigadas vermelhas, definiu «bom e honesto, que ninguém pode culpar de crime algum, nem acusar de escasso sentido social e de ter faltado ao serviço à justiça e à convivência civil pacífica». Assim, poucas horas depois do assassinio, em L'Osservatore Romano de 10 de maio de 1978, juntamente com o comentário do diretor Valerio Volpini, foi publicada uma recordação de Moro, escrita por Raimondo Manzini, que tinha guiado o jornal desde 1960 até ao início daquele ano, poucas semanas antes do incrível sequestro que comportou o cruel massacre dos cinco homens da escolta do estadista italiano. «Era o homem “da escuta”: e por isso parece ainda mais horrenda, odiosa e imperdoável a violência contra a sua pessoa, respeitadora de todos os seus semelhantes, aberta à sociabilidade, atenta aos movimentos e aos fenómenos da história, para os compreender e

abordar humanamente. Neste delito há algo inexplicável e desumano, que vai além de qualquer outro crime», escrevia Manzini. E continuava: «Reveremos e repensamos com tormento indizível naquele seu rosto um pouco triste, pensativo, no qual havia como que a perene interrogação de quem procura compreender e penetrar os “outros”, e as situações mutáveis para avaliar a sua relevância, deslindar o seu sentido». E escrevia ainda Manzini: «Recordo Aldo Moro, Secretário do Partido, nalguns encontros com os membros e representantes políticos das periferias, ouvir por horas e horas, paciente, atento, sem sinais de cansaço, as mais diversificadas intervenções, para se dar conta de quais eram os problemas, as expectativas, os estados de espírito das várias regiões e só “depois”, à distância de dias, no final do debate, tomar uma posição». A 13 de maio no Latrão, o Papa participou no rito fúnebre para o estadista assassinado e, na dramática oração conclusiva, referiu-se à «herança sobrevivente da sua consciência reta, do seu exemplo humano e cordial, da sua dedicação à redenção civil e espiritual», descrevendo assim um legado que permanece.

Dedicada aos leigos a intenção de oração para o mês de maio Testemunhas no dia a dia

Cenas do dia a dia em família, no trabalho, no tempo livre; pessoas engajadas em iniciativas de solidariedade e acolhimento; jovens desportistas; casais que iniciam o próprio percurso depois do matrimónio e projetam o seu futuro. Um olhar sobre a vida diária acompanha a intenção do Papa Francisco contida na mensagem vídeo para o mês de maio, confiada à Rede mundial de oração e difundida na internet (www.thepopevideo.org). Um apelo à oração pelos leigos a fim de que «cumpram a sua missão específica, pondo a própria criatividade ao serviço dos desafios do mundo atual».

A Igreja, explicou o Pontífice, tem necessidade absoluta dos leigos e «do seu testemunho sobre a verdade do Evangelho e do seu exemplo ao exprimir a fé com a prática da solidariedade». Uma missão preciosa, que leva o Papa a agradecer a todos os leigos que, fiéis ao mandamento batismal, no seu compromisso diário sabem arriscar, não temem e «oferecem aos mais pobres, aos excluídos e aos marginalizados um motivo para esperar».

O vídeo, traduzido em nove línguas, foi preparado pela Rede mundial de oração do Papa com a agência La Machi, que se ocupa da produção e da distribuição, em colaboração com Vatican Media que o gravou.

Publicamos o texto da mensagem vídeo enviada pelo Papa Francisco aos participantes no segundo fórum internacional sobre a escravidão moderna, organizado pela arquidiocese ortodoxa de Buenos Aires e pelo Instituto ortodoxo «Patriarca Atenágoras» de Berkeley, na Califórnia, com o patrocínio do Patriarcado ecumênico. O fórum, que teve lugar de 5 a 8 de maio na capital argentina, foi dedicado ao tema «Velhos problemas no novo mundo».

Estimados irmãos e irmãs!

Foi com prazer que aceitei o convite a dirigir uma saudação a vós, que participais neste Fórum sobre as modernas formas de escravidão «Velhos problemas no novo mundo», organizado pela Arquidiocese ortodoxa de Buenos Aires, guiada pelo amado Metropolita Tarasios, e pelo Instituto ortodoxo «Patriarca Atenágoras» de Berkeley, na Califórnia, e com o patrocínio do Patriarcado ecumênico. Antes de tudo, exprimo o meu agradecimento mais sentido ao Patriarca ecumênico, Sua Santidade Bartolomeu I, e ao Arcebispo de Canterbury, Sua Graça Justin Welby, que no ano passado inauguraram este Fórum. Consola-me saber que compartilhamos a mesma preocupação pelas vítimas da escravidão moderna.

A escravidão não é algo de outros tempos. É uma prática que tem raízes profundas e que se manifesta ainda hoje e de muitas formas diferentes: tráfico de seres humanos, exploração do trabalho através de dívidas, exploração de menores, exploração sexual e de trabalhos domésticos forçados são algumas destas numerosas formas. Todas graves e desumanas. Não obstante a falta de informação disponível sobre algumas regiões do mundo, os números são dramaticamente elevados e, com muita probabilidade, subestimados. Segundo estatísticas recentes, haveria mais de 40 milhões de pessoas, homens, mas sobretudo mulheres e crianças, que sofrem por causa da escravidão. Só para termos uma ideia, podemos pensar que se vivéssemos numa única cidade, seria a maior metrópole do nosso planeta e teria, mais ou menos, o quádruplo



Mensagem vídeo do Pontífice

Combater a escravidão de hoje

de toda a população urbana de Buenos Aires e da Grande Buenos Aires.

Perante esta trágica realidade, ninguém pode lavar as próprias mãos, se não quiser ser, de certa forma, cúmplice deste crime contra a humanidade. Um primeiro compromisso que se impõe é pôr em ação uma estratégia que permita um conhecimento importante do tema, dilacerando aquele véu de indiferença que parece pesar sobre o destino desta porção da humanidade que padece, que continua a sofrer. Parece que muitos não querem compreender a dimensão do problema. Existem algumas pessoas que, envolvidas diretamente em organizações criminosas, não querem que se fale sobre isto, simplesmente porque, graças às novas formas de escravidão, obtêm elevados benefícios. Além disso, há também aqueles que, não obstante conheçam o problema, não querem falar porque se encontram onde termina a «cadeia de consumo», como consumidores de «serviços» oferecidos por homens, mulheres e crianças transformados em escravos. Não podemos fingir que estamos distraídos: todos nós somos chamados a sair de qualquer forma de hipocrisia, enfrentando a realidade de sermos parte do problema. O problema não es-

tá na calçada à minha frente: envolva-me. Não nos é permitido olhar para o outro lado e declarar a nossa ignorância ou inocência.

Um segundo compromisso consiste em agir a favor daqueles que são transformados em escravos: defender os seus direitos, impedir que os coruptos e os criminosos escapem à

justiça e tenham a última palavra sobre as pessoas exploradas. Não é suficiente que alguns Estados e Organismos internacionais adotem uma política particularmente dura, quando querem punir a exploração de seres humanos, se depois não são enfrentadas as suas causas, as raízes mais profundas do problema. Quando os países sofrem de pobreza extrema, violência e corrupção, nem a economia, nem o quadro legislativo, nem sequer as infraestruturas de base são eficazes; não conseguem garantir a segurança, nem os bens, nem os direitos essenciais. Deste modo, é mais fácil que os autores destes crimes continuem a agir com total impunidade. Além disso, existe um dado sociológico: a criminalidade organizada e o tráfico ilegal de seres humanos escolhem as suas vítimas entre as pessoas que hoje têm escassos meios de subsistência e ainda menos esperanças no futuro. Para ser mais claro: os pobres, os mais marginalizados e os descartados. A principal resposta consiste em criar oportunidades para um desenvolvimento integral, a começar por uma educação de qualidade: este é o ponto-chave, uma educação de qualidade desde a primeira infância, para continuar a gerar em seguida novas oportunidades de crescimento através do trabalho. Educação e tra-

CONTINUA NA PÁGINA 15

À Cáritas argentina

Caminhando ao serviço dos pobres

«Se a Cáritas não caminhar, apodrece»: o Papa não usou meios-termos numa mensagem vídeo transmitida aos agentes pastorais do organismo caritativo argentino, por ocasião do encontro nacional realizado recentemente em Tanti, na província central de Córdova.

O filme foi gravado pelo bispo Carlos José Tissera, membro da comissão para a Cáritas da Conferência episcopal argentina, que veio a Roma para partilhar com o Pontífice os preparativos dos trabalhos. Em espanhol, Francisco evidenciou que «a miséria se esconde sempre»,

por conseguinte «é preciso ir procurá-la. Há muito sofrimento», observou; há «tantos problemas». Eis o convite a «acariciar o coração das pessoas» e «pôr em jogo a própria carne» pelos mais pobres.

Aproveitando a oportunidade da iniciativa «Caminhada», que a Cáritas argentina começou em 2017, o Papa explicou que aprecia muito o título porque caminhar significa «ir, procurar»: de facto «só se for procurar com afeto, se sair, a Cáritas realiza um caminho». Porque ela «não é esmola», ao contrário, «é pôr em questão a própria carne como fez Cristo. Isto é, se não estiveres disposto a pôr em causa a tua carne, não serves». Que concretamente significa «sair, ir, procurar a miséria que se esconde», pensando que Deus «te acaricia» enquanto aquela pobre pessoa, homem ou mulher, «sofre tanto». Eis então a recomendação de Francisco a meditar bem as suas palavras e a «conservar, acariciar os corações das pessoas. Sempre com o sorriso, caminhando».

Por fim, o Papa exprimiu três desejos — «os pés inchados porque caminhastes muito, os joelhos doloridos porque rezastes tanto e as mãos cansadas por terdes sido muito abertas às necessidades dos outros» — e concluiu abençoando os destinatários da mensagem.

O Papa às mães da Plaza de Mayo

«Lutadoras» que combateram «pela justiça e nos ensinaram o caminho que é necessário percorrer para ir em frente»: assim o Papa definiu as mães da Plaza de Mayo numa mensagem áudio gravada por ocasião do quadragésimo primeiro aniversário de atividades da associação de mulheres, que denunciaram o desaparecimento dos seus filhos durante a ditadura militar na Argentina. Enviada a Ana Maria Careaga, filha da fundadora, Esther Ballestrino de Careaga, a professora paraguaiá que foi raptada pela polícia e desapareceu para sempre durante a ditadura militar em 1977, a mensagem do Pontífice foi transmitida na tarde de 30 de abril pela Rádio Caput de Buenos Aires, no âmbito do programa «Ahora y siempre» («Agora e sempre»).

«Querida Ana Maria, nestes dias em que se recorda a data de 30 de abril de 1977 — afirmou o Pontífice em es-

panhol — lembro-me muito da tua mãe, que trabalhou tanto, que foi uma lutadora e, juntamente com ela, numerosas mulheres que lutaram pela justiça, ou porque tinham perdido os seus filhos, ou simplesmente mães que, participando no drama de muitos filhos desaparecidos, se uniram também à sua luta. Estou convicto de que, além do reconhecimento da humanidade, Deus a conserva no seu Coração».

Enquanto se alegra com Ana Maria Careaga, porque ela segue os passos da sua mãe e os dá a conhecer aos outros no programa radiofónico, o Papa Francisco garantiu que reza «hoje de modo especial pelas mães». E concluiu: «Oro por ti, rezo pela tua mãe Esther e por todos os homens e mulheres de boa vontade que desejam, todos juntos, levar em frente um projeto de justiça e de fraternidade».

Três pilares para a vida consagrada

Prece, pobreza e paciência

Prece, pobreza, paciência: foram as três «pilares» da vida religiosa repropostos pelo Papa Francisco aos participantes no congresso internacional promovido pela Congregação para os institutos de vida consagrada e as sociedades de vida apostólica. O Pontífice recebeu-os em audiência na manhã de sexta-feira, 4 de maio, na Sala Paulo VI.

Bom dia a todos!

Pensei em fazer um discurso, bem feito, bonito... Mas depois surgiu-me a vontade de improvisar, de dizer o que é mais adequado para este momento.

A chave daquilo que direi é a que o Cardeal [Prefeito da Congregação] pediu: critérios autênticos para discernir o que está a acontecer. Pois, hoje acontecem muitas coisas que, para não nos perdemos neste mundo, no nevoeiro da mundanidade, nas provoca-

ções, no espírito de guerra, em tantas coisas, precisamos de critérios autênticos que nos guiem. Que nos orientem no discernimento.

Há depois outro aspeto: que este Espírito Santo é uma clamidade [riu, riram], pois nunca se cansa de ser criativo! Agora, com as novas formas de vida consagrada, é deveras criativo, com os carismas... É interessante; é o Autor da diversidade, mas ao mesmo tempo é o Criador da unidade. O Espírito Santo é assim. E com esta diversidade de carismas e de muitas outras coisas, Ele faz a unidade do Corpo de Cristo, e também a unidade da vida consagrada. Também este é um desafio.

Questionei-me: quais são as coisas que o Espírito quer que se mantenham fortes na vida consagrada? E o pensamento vouou, foi, deu voltas... e vinha sempre [à mente] o dia em que fui a

San Giovanni Rotondo: não sei porquê, mas vi lá tantos consagrados, e consagradas que trabalhavam... e pensei no que lá disse, nos três «p» que lá pronunciei. E pensei: estes são pilares que permanecem, que são permanentes na vida consagrada. A *prece*, a *pobreza* e a *paciência*. E escolhi falar-vos acerca disto: acerca do que penso que a oração é na vida consagrada, e depois a pobreza e a paciência.

A *oração* é voltar sempre à primeira chamada. Qualquer oração, talvez uma oração na necessidade, mas é sempre voltar àquela Pessoa que me chamou. A oração é de um consagrado, de uma consagrada é voltar ao Senhor que me convidou a estar próximo d'Ele. Voltar a Ele que me fitou nos olhos e me disse: "Vem. Abandona tudo e vem". "Mas, eu gostaria de deixar só metade..." (disse to falaremos a propósito da pobreza) — "Não, vem, deixa tudo. Vem". E naquele momento a alegria é deixar o muito ou o pouco que temos. Cada um sabe o que deixou: deixa a mãe, o pai, a família, uma carreira... É verdade que há quem procura a carreira "dentro", e isto não é bom. Naquele momento encontrar o Senhor que me chamou para O seguir de perto. Cada prece é voltar a isto. É a oração que faz com que eu trabalhe para *aquê* Senhor, não para os meus interesses ou para uma instituição onde sou empregado, não, para o Senhor. Há uma palavra que se usa tanto, foi demasiado usada e perdeu um pouco de força, mas indicava bem isto: *radicalidade*. Eu não gosto de usar porque já foi usada demais, mas trata-se disto: deixo tudo por Ti. É o sorriso dos primeiros passos... Depois surgiram os problemas, tantos problemas que todos nós tivemos mas trata-se sempre de voltar ao encontro com o Senhor. E a oração, na vida consagrada, é o ar que aquela chamada nos faz respirar, renovar aquela chamada. Sem este ar não poderíamos ser bons consagrados. Talvez fôssemos boas pessoas, cristãos, católicos que trabalham em tantas obras da Igreja, mas a consagração, tens que a renovar continuamente lá, na oração, num encontro com o Senhor. "Mas eu ando atarefado, ando atarefada, tenho tantas coisas para fazer...". Isto é ainda mais importante. Vai rezar. E depois há aquela oração que nos mantém durante o dia na presença do Senhor. Mas acima de tudo a oração. "Eu tenho um trabalho demasiado artiscado que me ocupa o dia inteiro...". Pensemos numa consagrada dos nossos dias, Madre Teresa. A Madre Teresa ia até "procurar problemas", pois ela era como uma máquina para criar problemas, porque ia aqui, ali e além... Mas as duas horas de oração diante do Santíssimo, ninguém lhe tirava. Ah, a grande Madre Teresa! Faz como ela, faz o mesmo. Procura o teu Senhor, Aquele que te chamou. O prece. Não só de manhã... Cada um deve procurar a maneira, onde e quando a fazer. Mas rezar sempre, orar. Não se pode viver a vida consagrada, não se pode discernir aquilo que está a acontecer sem falar com o Senhor.

Não me prolongo sobre isto, mas compreendes bem, penso. Prece. E a Igreja precisa de homens e mulheres

que rezem, neste momento de tanto sofrimento na humanidade.

O segundo «p» é a *pobreza*. Nas Constituições, Santo Inácio escreveu a nós, Jesuítas, o seguinte — mas penso que não era uma sua ideia original, tirou-a dos Padres do Deserto, talvez —: "A pobreza é a mãe, é o muro de contenção da vida consagrada". É "mãe". Interessante: ele não diz a castidade, que talvez esteja mais relacionada com a maternidade, a paternidade, não: a pobreza é mãe. Sem pobreza não há fecundidade na vida consagrada. E é "muro", defende-te. Certamente defende-te do espírito da mundanidade. Nós sabemos que o diabo entra pelos bolsos. Todos nós o sabemos. E as pequenas tentações contra a pobreza são feridas à pertença ao corpo da vida consagrada. Pobreza segundo as regras, as constituições de cada congregação: a pobreza de uma congregação ou de outra não é a mesma. As regras dizem: "a nossa pobreza vai por este caminho", "a nossa vai por aquele", mas há sempre o espírito de pobreza. E isto não se pode negociar. Sem pobreza nós nunca poderíamos discernir bem o que está a acontecer no mundo. Sem o espírito de pobreza. "Deixa tudo, dá às pobres", disse o Senhor àquele jovem. É aquele jovem mesmo todos nós. "Mas eu não, padre, não tenho tanta fortuna [riqueza]...". Sim, mas alguma coisa, tens certamente algum apego! O Senhor pede isto: será esse "o Isaque" que deves sacrificar. Nu na alma, pobre. E com este espírito de pobreza o Senhor nos defende-nos! dos muitos problemas e das tantas coisas que procuram destruir a vida consagrada.

Existem três degraus para passar da consagração religiosa para a mundanidade religiosa. Sim, também religiosa; há uma mundanidade religiosa; muitos religiosos e consagrados são mundanos. Três degraus. Primeiro: o dinheiro, ou seja, a falta de pobreza. Segundo: a vaidade, que vai do extremo de se fazer "pavão", a pequenas coisas de vaidade. E terceiro: a soberba, o orgulho. E dali, todos os vícios. Mas o primeiro degrau é o apego às riquezas, o apego ao dinheiro. Se vígarmos sobre este, os outros não chegam. E digo às riquezas, não só ao dinheiro, às riquezas. Para poder discernir o que está a acontecer, é preciso este espírito de pobreza. Um dever de casa: como é a minha pobreza? Procurei nas gavetas, nas gavetas das vossas almas, procurei na personalidade, procurei na Congregação... Vede como está a pobreza. É o primeiro degrau: se preservarmos isto, os outros não chegam. É o muro que nos defende dos outros, é a mãe que nos torna mais religiosos e nos faz entregar toda a nossa riqueza ao Senhor. É o muro que nos defende daquele desenvolvimento mundano que tanto danifica qualquer consagração. A pobreza.

E terceiro, a *paciência*. "Mas, padre, o que tem a ver aqui a paciência?". A paciência é importante. Habitualmente nós não falamos dela, mas é muito importante. Olhando para Jesus, a paciência é aquilo que Jesus teve para chegar até ao fim da sua vida. Quando Jesus, depois da Ceia, foi ao Horto das Oliveiras, podemos dizer que naquele momento, de modo especial, Jesus "en-



Anica Givodarica, «Prece»

trou na paciência". "Entrar na paciência": trata-se de uma atitude de cada consagrado, que vai das pequenas coisas da vida comunitária ou da vida de consagração, que cada qual tem, nesta variedade que o Espírito Santo faz... Das pequenas coisas, das pequenas tolerâncias, dos pequenos gestos de sorriso quando tenho vontade de dizer palavras..., até ao sacrifício de si mesmo, da vida. Paciência. Aquele "carregar sobre os ombros" (*hypomane*) de São Paulo: São Paulo falava de "carregar sobre

os ombros", como virtude cristã. Paciência. Sem paciência, isto é, sem capacidade de sofrer, sem entrar "em paciência", uma vida consagrada não se pode sustentar, será a meio. Sem paciência, por exemplo, compreendem-se as guerras internas de uma congregação, compreendem-se. Porque não tiveram a paciência de se suportarem um ao outro, e vence a parte mais forte, nem sempre a melhor; e nem sequer aquela que é vencida é a melhor, porque é impaciente. Sem paciência com-

preendem-se estes carreirismos nos capítulos gerais, este fazer "grupinho de poder" antes, dando dois exemplos. Vós não sabeis quantos problemas, de guerras internas, de litígios que D. Carballo [Secretário da Congregação] recebeu! Mas ele é da Galiza, é capaz de suportar isto! Paciência. Suportar-se uns aos outros.

Mas não só paciência na vida comunitária: paciência diante dos sofrimentos do mundo. Carregar sobre os ombros os problemas, os sofrimentos do mundo. "Entrar em paciência", como Jesus entrou em paciência para consumir a redenção. Este é um ponto-chave, não só para evitar estes litígios internos que são um escândalo, mas para ser consagrado, para poder discernir. A paciência.

E também paciência face aos problemas comuns da vida consagrada: pensamos na escassez de vocações. "Não sabemos o que fazer, pois não temos vocações... Fechámos três casas...". É esta a lamentação de todos os dias, vós ouvistes isto, ouvistes nos ouvidos e no coração. Não chegam vocações. E quando não há esta paciência... O que estou para dizer aconteceu: eu conheço pelo menos dois casos, num país muito secularizado, que dizem respeito a duas congregações e às duas respetivas províncias. A província iniciou aquele caminho que é também um caminho mundano, do "ars bene moriendi", a arte da boa morte. E que significa isto naquela província, naquelas duas províncias de duas congregações diversas? Fichar a admissão ao noviciado, e nós

que estamos aqui, envelhecemos até morrer. E naquele lugar a congregação termina. E isto não são fábulas: estou a falar de duas províncias masculinas que fizeram esta opção: províncias de duas congregações religiosas. Falta a paciência e acabamos na "ars bene moriendi". Falta a paciência e as vocações não vêm? Vendemos e apegamo-nos ao dinheiro para algo que possa acontecer no futuro. Isto é um sinal que se está próximo da morte: quando uma Congregação começa a apegar-se ao dinheiro. Não tem paciência e cai no segundo "p", na falta de pobreza.

Posso perguntar-me: aconteceu no meu coração aquilo que aconteceu naquelas duas províncias que optaram pela "ars bene moriendi"? Acabou a minha paciência e voui em frente sobrevivendo? Sem paciência não podemos ser magnânimos, não podemos seguir o Senhor: cansamo-nos. Seguimo-lo até a um certo ponto e com a primeira ou segunda prova, adeus. Escolho a "ars bene moriendi"; a minha vida consagrada chegou até aqui, aqui fecho o coração e sobrevivo. Sim, está em estado de graça, sem dúvida. "Padre, não irei para o inferno?". Não, talvez não. Mas a tua vida? Abandonaste a possibilidade de ser pai e mãe de família, de ter a alegria dos filhos, dos netos, tudo isto, para acabar assim? Esta "ars bene moriendi" é a cutanisia espiritual de uma consagração que não aguenta mais, não tem a coragem de seguir o Senhor. E não chama...

CONTINUA NA PÁGINA 13



Encerrado o congresso internacional sobre os consagrados

Caminhar em sinodalidade

«Devemos continuar a caminhar juntos, em sinodalidade, pois o Espírito Santo fala onde há esta harmonia de vida fraterna». Disse o cardeal José Braz de Aziz, prefeito da Congregação para os institutos de vida consagrada e as sociedades de vida apostólica, na conclusão dos trabalhos do congresso internacional realizado em Roma de 3 a 6 de maio sobre o tema: «Consecratio et consecratio per evangelicam consilia». A reflexão sobre a consagração esteve no centro dos debates do encontro. Com uma promessa: aprofundar ainda mais, antes de tudo sob o ponto de vista teológico, as indicações do concílio Vaticano II e do magistério.

Por seu lado, o arcebispo José Rodríguez Carballo, secretário do dicasterio, durante a sua intervenção conclusiva afirmou que as reflexões feitas durante os dias do congresso permitiram partilhar várias experiências sobre os temas da consagração, do carisma, da fraternidade e da missão. Em particular, disse que a consagração é «uma realidade dinâmica, in-

terena» e, sobretudo, é «uma identidade em relação, porque o carisma tem um aspeto relacional». Por isso, os consagrados podem ser «a aurora da Igreja», como disse o Papa Francisco no discurso que lhes dirigiu a 4 de maio. O prelado frisou que é possível ser deveras aurora «se caminhamos juntos, em comunhão com a Igreja e em comunhão com o mundo».

Fez-lhe eco Kris Van Damme, consagrado da família espiritual *A Obra*, o qual contou: «Estou a fazer nestes dias a experiência de ver e de encontrar uma grande diversidade de carismas e de maneiras de viver e de compreender a consagração. Não obstante a diversidade, vejo a unidade por amor a Cristo e o compromisso pela Igreja, e uma grande experiência do Espírito Santo». Também Jeanne Marie Cooper, consagrada da *Ordo virginum* há cerca de dez anos, sendo também juíza e coordenadora do tribunal matrimonial na diocese de Winona-Rochester, quis manifestar a sua alegria por ter encontrado outras mulheres consagradas do mundo inteiro.

O agradecimento do Papa à Guarda suíça

Com discrição e profissionalismo

Apreço pelo «sentido celestial», «discrição» e «profissionalismo» com que a Guarda suíça pontifícia desempenha o seu serviço foi expresso pelo Papa durante a audiência de sexta-feira, 4 de maio, na Sala Clementina, por ocasião do juramento dos novos recrutados.

Senhor Comandante Querido Capitão Queridos oficiais e membros da Guarda Suíça Ilustres Hóspedes Amados irmãos e irmãs!

Dirijo a todos cordiais boas-vindas, em particular aos recrutados e aos seus familiares e amigos que quiseram partilhar estes dias de festa. Saído com deferência os representantes das Autoridades suíças, que vieram para esta circunstância.

Vós, queridos Guardas, tendes a possibilidade de prestar serviço por um certo período em Roma, fazendo uma singular experiência da universalidade da Igreja. Que este tempo fortaleça a vossa fé e aumente o vosso sentido de pertença à comunidade eclesial.

A Guarda Suíça desempenha diariamente um precioso serviço ao Sucessor de Pedro, à Cúria Romana e ao Estado da Cidade do Vaticano. Trata-se de um

trabalho que se enquadra no sulco da fidelidade perseverante ao Papa, que teve um momento qualificador naquele 6 de maio de 1527, quando os vossos predecessores sacrificaram a sua vida durante o "saque de Roma". A recordação daquele gesto heroico é um convite constante a ter presente e a realizar as qualidades típicas do Corpo: viver a fé católica com coerência; perseverar na amizade com Jesus e no amor à Igreja; ser jubiloso e diligentes tanto nas grandes como nas pequenas tarefas diá-

rias; coragem e paciência, generosidade e solidariedade com todos. São estas as virtudes que sois chamados a exercer quando prestais o serviço de honra e de segurança no Vaticano, assim como quando tirades o uniforme. Com efeito, um Guarda Suíço é sempre tal, quer quando está em serviço quer quando está fora de serviço!

É agradável ver um jovem como vós que demonstra atenção aos demais, e que com solicitude é disponível para

quatos estão em necessidade. Nem sempre é fácil testemunhar esta atitude, mas com a ajuda do Senhor é possível. Portanto, não vos canseis de vos encontrar com o Senhor Jesus na oração comunitária e pessoal, na escuta atenta da Palavra de Deus e na participação fervorosa na Eucaristia. Com efeito, o sucesso da eficácia do vosso trabalho aqui no Vaticano, assim como de qualquer outro projeto vosso é a referência constante a Cristo.

Aproveito esta ocasião para renovar a expressão da minha gratidão a todo o Corpo da Guarda Suíça Pontifícia. Estou admirado pela disciplina, pelo sentido eclesial, pela discrição e pelo profissionalismo austero mas sereno com que desempenhais todos os dias o vosso serviço. Dou graças a Deus pelos diversos dons que Ele vos concede e grato-vos o meu apego e a minha oração para que possais fazê-los frutificar. Também vós, por favor, rezai por mim e ajudai-me a servir a Igreja inclusive com as vossas preces.

A Virgem Maria, que honramos de modo especial no mês de maio, e os vossos Santos padroeiros, vos assistam e vos protejam. Com estes sentimentos, concedo de coração a cada um a Bênção Apostólica, que faço extensiva aos vossos entes queridos e à vossa pátria.



Rudolf Mier, «Mudança de guarda» (imagem tirada do calendário de 2018)

Audiência aos fiéis de Bolonha e Cesena

Santidade dos pequenos gestos diários

A santidade dos «pequenos gestos diários», que são «como o fermento» e «fazem muito bem», foi indicada pelo Papa Francisco aos milhares de fiéis das dioceses italianas de Bolonha e de Cesena-Sarsina, que participaram na audiência de 21 de abril, na praça de São Pedro, para retribuir a visita realizada pelo Pontífice a 1 de outubro do ano passado.

Prezados irmãos e irmãs!

Saúdo todos vós com afeto. Obrigado pela vossa presença tão festiva! Com esta vinda ao túmulo de Pedro, retribuí a visita que realizei às vossas Comunidades diocesanas no dia 1 de outubro do ano passado. Muito obrigado!

Saúdo o Arcebispo de Bolonha, D. Matteo Zuppi, e o Bispo de Cesena-Sarsina, D. Douglas Regattieri, tão atenciosos durante a minha visita. Estimados irmãos, agradeço-vos as vossas palavras, que reavivam em mim a recordação daquele dia. Dou as minhas boas-vindas às Autoridades civis aqui presentes, assim como aos sacerdotes, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos, com um pensamento especial a todos aqueles que se unem espiritualmente a esta peregrinação, de modo particular aos doentes e a quantos sofrem.

Conservo viva a memória dos encontros que vivi nas vossas cidades. Não me esqueço da hospitalidade que me reservastes, nem dos mo-



mentos de fé e de oração que compartilhamos, nos quais participaram fiéis provenientes de todas as partes das vossas respetivas Dioceses. Foi um dom da Providência para confirmar e fortalecer o sentido da fé e da pertença à Igreja, que deve necessariamente traduzir-se em atitudes e gestos de caridade, de maneira especial para com as pessoas mais frágeis. Os vossos Bispos ressaltaram que a minha visita pastoral foi moti-

vo de renovado compromisso por parte de todos os componentes das vossas Comunidades. Dou graças a Deus por isto e exorto-vos a prosseguir com coragem no caminho empreendido.

Na cidade de Cesena comemoramos o terceiro centenário do nascimento do Papa Pio VI, com um pensamento também a Pio VII. A recordação destes dois Bispos de Roma, ambos de Cesena, constituiu para vós que fazeis parte daquela Comunidade diocesana uma ocasião propícia para refletir sobre o caminho da evangelização percorrido até hoje e sobre as novas metas missionárias que vos esperam. Herdeiros destas e de outras importantes figuras de pastores e evangelizadores, sois chamados a prosseguir por esta vereda, engajando-vos generosamente no anúncio do Evangelho aos vossos concidadãos e testemunhando-o com as obras, que não devem ser necessariamente grandes. Os cristãos são fermento de amor, de fraternidade e de esperança com muitos pequenos gestos diários. Amai os pequenos gestos diários. Pequenos: são pequenos como o fermento, mas fazem muito bem.

Como sabeis, a ocasião da visita a Bolonha foi oferecida pelo encerramento do Congresso Eucarístico diocesano. O fervor suscitado por aquele acontecimento eclesial, que congregou numerosas pessoas ao redor de Jesus eucarístico, possa prolongar-se no tempo, sem se debilitar, mas aumentar e dar fruto, deixando um sinal indelével no caminho de fé da vossa Comunidade cristã. Como recordei na recente Exortação Apostólica *Gaudete et exsultate*, «partilhar a Palavra e celebrar juntos a Eucaristia torna-nos mais irmãos e vai-nos transformando pouco a pouco em comunidade santa e missionária» (n. 142). Com efeito, a Eucaristia faz a Igreja, agrega-a e une-a no vínculo do amor e da esperança. O Senhor Jesus instituiu-a a fim de que permanecêssemos nele, formássemos o único corpo e, de alheios e indiferentes uns aos outros, nos uníssemos e nos tornássemos irmãos.

A Eucaristia reconcilia-nos e une-nos, porque alimenta a relação comunitária e encoraja atitudes de generosidade, de perdão, de confiança no próximo e de gratidão. A Eucaristia, que significa «ação de graças», faz-nos sentir a exigência do agradecimento: leva-nos a entender que «somos mais felizes quando oferecemos do que quando recebemos» (At 20, 35), educa-nos a dar o primado ao amor e a praticar a justiça na sua forma completa, que é a misericórdia; a saber agradecer sempre, até quando recebemos o que nos é devido. O culto eucarístico ensina-nos também a escala de valores certa: a não pôr em primeiro lugar as realidades terrenas, mas os bens celestiais; a ter fome não só do alimento material, mas inclusive do «que dura para a vida eterna» (Jo 6, 27).

Caros irmãos e irmãs, os homens e as mulheres da nossa época têm necessidade de encontrar Jesus Cristo: Ele é o caminho que conduz ao Pai; Ele é o Evangelho da esperança e do amor, que nos torna capazes de ir até ao dom de nós mesmos. Eis a nossa missão, que é responsabilidade e ao mesmo tempo alegria, herança de salvação e dom a compartilhar. Ela exige disponibilidade generosa, renúncia pessoal e abnegação confiante à vontade divina. Trata-se de realizar um itinerário de santidade para responder com coragem à chamada de Jesus, cada qual segundo o seu carisma peculiar. «Para o cristão não é possível imaginar a própria missão na terra, sem a conceber como um caminho de santidade, porque «esta é, na verdade, a vontade de Deus: a [vossa] santificação» (1 Ts 4, 3). Cada santo é uma missão; é um projeto do Pai que visa refletir e encarnar, num determinado momento da história, um aspeto do Evangelho» (*Gaudete et exsultate*, 19).

Encorajo-vos a fazer ressoar nas vossas comunidades a chamada à santidade, que diz respeito a cada batizado e a todas as condições de vida. A plena realização de qualquer aspiração do coração humano consiste na santidade. É um caminho que começa na pia batismal e leva para o Céu, realizando-se no dia a dia, acolhendo o Evangelho na vida concreta. Com este compromisso e com este ímpeto missionário, destinado a renovar o impulso à evangelização das vossas Dioceses, dareis continuidade concreta às exortações que vos dirigi durante a minha visita. Não vos canseis de procurar Deus e o seu Reino, acima de todas as coisas, e de vos engajardes no serviço dos irmãos, sempre em estilo de simplicidade e a fraternidade. A Virgem Maria, «a mais abençoada dos santos entre os santos, Aquela que nos mostra o caminho da santidade e nos acompanha» (*ibid.*, 176), seja o ponto de referência certo no vosso itinerário pastoral e missionário!

Agradeço-vos mais uma vez este encontro. Peço-vos, por favor, que continueis a rezar por mim e, de coração, concedo-vos a Bênção Apostólica, que estendo a todos aqueles que fazem parte das vossas Comunidades diocesanas. Obrigado!

Em defesa das crianças vítimas de abusos

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 2

perante um trágico fenómeno sistemático, especialmente da pedofilia na web, que se torna um próspero rendimento económico para a criminalidade. Tudo isto exige um ímpeto comum de condenação e um engajamento incansável que vão além de qualquer autoceleração e declaração para causar impressão».

Hoje calcula-se que no mundo mais de duzentos milhões de menores são vítimas de abusos sexuais e, entre eles, dezenas de milhões aparecem na rede e multiplicam-se os sites dedicados aos pedófilos, como documentam os relatórios preparados pela Meter e por outras associações que colaboram com o serviço de inspeção postal, comprometidas numa guerra contra criminosos que quase sempre ficam impunidos, ao passo que as suas pequenas vítimas nunca obterão justiça. «As imagens digitalizadas nas periferias da rede – denunciou o padre Di Noto – não são apenas expostas, mas produzidas, distribuídas, vendidas e qualquer foto ou vídeo representa uma vítima, marcada para sempre por uma ferida mortal, que lentamente mata o presente e o futuro de um menor. Peças então à Igreja, às instituições civis, políticas e culturais para irem além de estereis palavras re-

presentativas e agirem seriamente diante deste drama que todos os anos regista um aumento exponencial no mundo inteiro. Se uma vítima de abuso tem um abusador, até hoje são dezenas de milhões os violados com outros tantos violentadores, que permanecem impunidos: uma vergonha. Também os gigantes da web têm as suas responsabilidades porque, ou pela ausência de legislação ou devido a uma consciente distração e falta de colaboração e contraste do fenómeno, não ativam todos os instrumentos necessários para contrastar e entregar às autoridades de investigação o fluxo de dados, a fim de identificar os sujeitos que cometem crimes contra a infância. Isto acontece em numerosos países, que ainda não têm uma legislação adequada e uma ação concreta de contaste», sublinhou o fundador da Meter.

O padre Di Noto denunciou também os grandes meios de comunicação, ou seja, «quantos podem fazer a diferença e, ao contrário, impõe-nos, como experimentamos na Meter, como se duplicássemos a divulgação das notícias sobre este crime. Um silêncio da indiferença, que alimenta a impunidade de atos cometidos contra crianças e que exige uma reação global, universal. Sabemos que não é assim. Dizemos isto há anos, sem sermos ouvidos».

MARIA CLARA BINGEMER

Há mais de cinquenta anos assistimos ao emergir da mulher em todos os setores da vida social, política e cultural do Brasil, e isto constitui um dos fatores mais importantes e relevantes em termos de transformação do seu perfil contemporâneo.

Inclusive no âmbito religioso as mulheres estão a tornar-se protagonistas: cerca de 80 por cento provêm das camadas mais vulneráveis, ou seja, com um baixo rendimento, vive em estado de pobreza e é submetida a todos os tipos de opressão. Mas a passagem para a experiência religiosa e eclesial cristã revelou-se, para muitas, uma via de acesso constante e autêntica à emancipação e à recuperação da sua dignidade humana, constituindo uma oportunidade real e original para aceder e alcançar maior consciência social e a inserção no espaço público, em termos de participação nos sindicatos, nas associações de bairros, nos movimentos populares e nos partidos políticos.

A experiência e o empenho religioso das mulheres das camadas brasileiras mais vulneráveis, o facto de elas assumirem a responsabilidade, de maneira maciça e maioritária, dos diversos serviços eclesiais são, muitas vezes, o único espaço que lhes é concedido para agir fora dos confins da casa e do cuidado da família. O facto de que a Igreja no Brasil, em muitas suas dioceses, tenha adotado o modelo eclesial das Cebes (comunidades eclesiais de base), juntamente e além do modelo tradicional da paróquia, onde os serviços estavam demasiado concentrados nas mãos do sacerdote, permitiu que muitas mulheres exercessem capacidades de coordenação e habilidades diretivas e organizacionais.

Documento da Comissão teológica internacional

Ao longo do novo quinquénio (2014-2019), a Comissão teológica internacional fez um estudo sobre a sinodalidade na vida e na missão da Igreja. O trabalho realizou-se no âmbito de uma subcomissão, presidida por monsenhor Mario Ángel Flores Ramos e composta pelos seguintes membros: irmã Prudence Allen, das Irmãs da Misericórdia, de Alma (Michigan); irmã Alenka Arko, da Comunidade Loyola; monsenhor Antonio Luiz Catelan Ferreira; monsenhor Piero Coda; padre Carlos María Galli; padre Gaby Alfred Hachem; irmão Héctor Gustavo Sánchez Rojas, do Sodalício de vida cristã; padre Nicholas Segeja M'hela; e o padre dominicano Gerard Francisco P. Timoner III.

Os trabalhos realizaram-se de 2014 a 2017. O texto foi aprovado de forma específica pela maioria dos membros da Comissão, durante a sessão plenária de 2017, e depois submetido à aprovação do seu presidente, o jesuíta Luis F. Ladaria, prefeito da Congregação para a doutrina da fé. Depois de ter recebido o parecer favorável da parte do Pontífice, a 2 de março de 2018, o arcebispo Ladaria autorizou a sua publicação. O texto está disponível no site da Comissão teológica internacional:



Cândido Portinari
«Catequeses» (1941)

O engajamento religioso liberta a mulher

Na vida social, política e cultural do Brasil

Hoje, ao contrário, vemos cada vez mais mulheres na chefia das comunidades, mulheres agentes de pastoral engajadas, responsáveis de um grupo inteiro de pessoas, que procuram satisfazer os seus desejos e estruturar da melhor forma possível o seu acesso aos benefícios oferecidos pela Igreja.

Também no campo da espiritualidade, a presença das mulheres cresceu consideravelmente. Leigas ou religiosas, são inúmeras hoje no Brasil as que se dedicam à pregação de retiros, ao acompanhamento espiritual das pessoas, à produção de material que ajude organizar de maneira positiva a oração e a liturgia nos mais

diversos níveis. São significativos os frutos produzidos por estas mestras espirituais, que ajudam muitos homens e mulheres, conforme a própria percepção feminina de Deus e a sua experiência do Espírito marcada pelo modo de ser feminino.

Além disso, existem as teólogas. Depois da passagem complexa de descoberta de si mesmas e do próprio papel no seio da comunidade teológica, um número cada vez maior de mulheres hoje frequenta os institutos de teologia, obtendo diplomas académicos ou exercendo o ministério do ensino e da pesquisa teológica. A sua produção teológica está a alcançar níveis de maturidade cada vez mais elevados, não apenas ou principalmente sobre o tema da mulher, mas acerca de todos os temas da teologia, examinados e elaborados na perspetiva e na ótica feminina.

Professoras e escritoras, pesquisadoras e intelectuais importantes e de envergadura, as mulheres teólogas hoje já permitem afirmar que a teologia no Brasil seria impensável sem a sua contribuição. Se não existissem, viria a faltar uma parte importante de reflexão, uma abordagem fundamental aos problemas sobre os quais refletir, um alcance único que só elas podem dar aos temas tão antigos, mas sempre atuais, do mistério cristão.

Entre os temas queridos às mulheres que prestam o próprio serviço na Igreja no Brasil, sobretudo às teólogas, além daquele da identidade da mulher e de todos os argumentos teológicos e bíblicos pensados a partir da ótica feminina, gostaríamos de sublinhar outros dois que nos parecem particularmente importantes,

controversos e delicados – eclesialmente falando – em que a abordagem inicial por parte das mulheres cristãs foi tímida e cautelosa. Todavia, devido à sua força e centralidade, ganharam gradualmente vigor e nos anos noventa tornaram-se grandes desafios para a teologia elaborada pelas mulheres. Desafios ainda presentes neste início do novo século.

Trata-se do tema da ética e da moral relativas aos direitos reprodutivos e à sexualidade. Há ainda um universo a ser explorado a este respeito, universo que adquiriu novo vigor e novos elementos, sobretudo para as teólogas católicas, com a encíclica do Papa João Paulo II *Evangelium vitae*. Já nos anos oitenta, para as mulheres era evidente que o desafio de pensar na sua corporeidade, sexualidade e fecundidade à luz da Revelação cristã e em diálogo com o magistério da Igreja fosse uma missão à qual não se podiam subtrair. E a este desafio se dedicaram, e continuam a dedicar-se, com coragem e esperança.

Há outro tema mais relacionado com o campo da eclesiologia: a questão dos ministérios. Todas as mulheres engajadas num serviço eclesial experimentam todos os dias na própria pele quanto são urgentes a reflexão e prática que correspondam aos desejos do povo de Deus a este respeito.

Nos anos oitenta, as mulheres começaram efetivamente a assumir vários ministérios nas comunidades. Nos anos noventa prosseguiram esta senda aberta e procuraram caminhos fecundos, embora nem sempre fáceis, para ampliar o alcance das conqistas possíveis e promissoras que teriam permitido cada vez mais que a mulher cristã encontrasse uma vereda no espaço eclesial, permitindo-lhes passar do âmbito doméstico para o público.

É a partir destes pontos centrais e cruciais que vemos delinear-se o futuro da mulher na Igreja no Brasil no terceiro milénio já iniciado. Nesta fase inovadora que já foi inaugurada, há um aspecto característico que não se pode ignorar: não obstante uma realidade diária difícil, para não dizer até opressora, elas estão cheias de esperança e de confiança. Para todas, a vida e o mundo não se apresentam ameaçadores ou destruidores, mas, pelo contrário, repletos de oportunidades de viver e de construir algo maior e melhor do que foi e do que se viveu até agora.

É cada vez mais forte nelas a consciência de que a opressão da qual foram com frequência vítimas, em casa e na sociedade, não é a vontade de Deus. Para elas, Deus é experiência muito positiva, alguém que as quer transformar e que na realidade as transforma profundamente, ajudando-as na difícil e fascinante passagem do âmbito doméstico para o público.

Missas matutinas em Santa Marta

Sexta-feira, 27 de abril

O céu é um encontro

Para os cristãos o céu não é «abstrato nem distante» mas é «o encontro pessoal com Jesus» o qual, enquanto «estamos a caminho», nos espera «e reza por cada um de nós».

Ao referir-se à pregação de Paulo na sinagoga de Antioquia de Pisídia, tal como é descrita no trecho evangélico dos Atos dos Apóstolos proposto pela liturgia (13, 26-33), o Pontífice citou a parte final: «E nós vos anunciamos que a promessa que foi feita aos pais, Deus a cumpriu a nós, seus filhos, ressuscitando a Jesus. Como também está escrito no segundo salmo: tu és meu Filho, hoje te gerei».

Trata-se «da promessa que Deus fizera» explicou o Papa. E «o povo pôs-se a caminho com esta promessa no coração». Por conseguinte, «o povo de Deus começou a caminhar com esta promessa no coração», «ciente de ser um povo eleito» que «sentia a eleição de Deus», como «uma certeza – porque «esta eleição dava uma certeza no selo da aliança que o povo de Deus fizera» – e também «com a esperança da promessa que Deus lhe dera».

Esta «promessa do povo de Deus a caminho desde o início, diz Paulo, concretizou-se porque Deus a realizou por nós, em Jesus Cristo» insistiu o Pontífice. E «o povo confiava na promessa – prosseguiu – porque sabia que Deus é fiel, tinha aquele



Julie Lawrence, «Encontro»

conhecimento». De resto, «a infidelidade estava no povo; muitas, muitas infidelidades no caminho. Mas Deus permaneceu sempre fiel e por isso» o povo «ia em frente, confiando na fidelidade de Deus».

«Também nós estamos a caminho» fez presente o Papa. «Estamos a caminho e quando» nos perguntamos: «mas a caminho» para onde, respondemos: «sim, para o céu». E «o que é o céu?». Eis que, afirmou Francisco, «começamos a escorregar nas respostas, não sabemos bem como dizer “o que é o céu?”». Talvez «muitas vezes pensemos num céu abstrato, num céu distante, num céu» que «sim, onde se está bem».

Ao contrário «caminhamos rumo a um encontro: o encontro definitivo com Jesus» recordou o Pontífice. E assim «o céu é o encontro com Jesus e nós preparamos este encontro com os outros encontros que fazemos no caminho da vida com o Senhor».

Mas «o encontro definitivo, pleno, que nos fará gozar toda a vida – como rezamos na oração da coleta – será sempre com Jesus: em encontro pessoal». Porque «Jesus, Deus e homem, Jesus, em corpo e alma, nos espera».

Francisco sugeriu que «reflitamos sobre este pensamento: “Eu estou a caminho na vida para encontrar Jesus”». Um pensamento «tão simples». Com uma consciência: «Jesus, entretanto», não está «sentado ali à nossa espera, à minha espera: não, ele mesmo, no Evangelho, nos disse o que faz: “crede também em mim. Vou preparar-vos um lugar. E quando eu for, e vos preparar um lugar, virei outra vez, e vos trarei para mim mesmo”». São as palavras proclamadas no trecho de João (14, 1-6) proposto pela liturgia do dia.

«Jesus prepara-nos um lugar, Jesus trabalha, neste momento, para nós» insistiu o Papa. E «o trabalho de Jesus» é «a intercessão, a oração de intercessão». Assim «o seu sacerdócio que se consumou na paixão, continua no céu com a intercessão: Jesus reza por mim, por cada um de nós». Mas «devemos repetir isto para nos convencermos: ele é fiel e reza por mim, neste momento». A ponto que «a imagem da intercessão – as mãos assim, para mostrar ao Pai as chagas da paixão – a levou consigo». Porque «Jesus reza por mim».

«Há um excerto do Evangelho, o da última Ceia, quando Jesus diz a Pedro: “e eu rezarei por ti”» recordou o Papa, frisando que «o que diz a Pedro o disse a todos nós: “Eu rezo por ti”». Por conseguinte «cada um de nós deve dizer: Jesus reza por mim, está a trabalhar, está a preparar-nos aquela morada». E «Ele é Jesus: faz isso porque o prometeu». Assim «o céu será este encontro com o Senhor que foi para preparar um lugar, o encontro de cada um de nós». E «isto infunde-nos confiança, faz crescer a confiança».

«Eu rezo mas Ele reza por mim» é a verdade que o Pontífice quis acentuar. «Por isso – explicou – quando rezamos dizemos sempre ao Pai “por nosso Senhor Jesus Cristo”, porque as orações chegam sempre através dele que está a rezar por nós». Trata-se precisamente da «intercessão, Jesus é o sacerdote intercessor: primeiro era o sacerdote que deu a vida por nós; agora é o sacerdote intercessor, até ao fim do mundo». E «isto deve infundir-nos confiança, fazer crescer a confiança» de que no céu «estão à minha espera» e que Jesus «está a rezar por mim» e está a preparar «uma morada para mim».

Em conclusão, Francisco expressou os votos de «que o Senhor nos conceda a consciência de estar a caminho com esta promessa na mão, mas também no coração». E «cientistas de sermos eleitos, porque o Senhor nos elegera a todos e a cada um». Um caminho a percorrer «procurando fazer, renovar continuamente a aliança de fidelidade, para sermos mais fiéis porque Ele é fiel». E assim, «o Senhor nos conceda esta graça de olhar para o alto e pensar: “o Senhor está a rezar por mim”».

Segunda-feira, 30 de abril

Contra as curiosidades negativas

As crianças são particularmente curiosas e encontram nos telemóveis, assim como em todo o mundo virtual, também «muitas coisas negativas», correndo o risco de se tornarem «prisioneiras destas curiosidades negativas», admoestou o Papa Francisco pedindo que se ajudem os jovens a saber discernir entre as numerosas propostas do dia a dia, o Pontífice indicou no Espírito Santo «a grande certeza» que resolve todas «as nossas curiosidades»: e fá-lo como «companheiro de viagem, companheiro da memória e companheiro-mestre», não certamente apresentando-se a nós «com um pacote de respostas» já prontas.

Para a sua reflexão o Papa inspirou-se no Evangelho de João. «Neste longo discurso de despedida, à mesa com os discípulos, há trechos que podemos denominar “o diálogo entre as curiosidades e a certeza”» afirmou. «Os discípulos não se sentem seguros, não sabiam o que teria ocorrido e questionavam-se sobre o que ia acontecer com este, com aquele». E «Jesus explica», mas «eles sentem-se mais inseguros: “Não pode ser, vais-te embora, vais-nos deixar sozinhos e o que faremos?”». Assim «Jesus explica: “voltarei, vou preparar-vos um lugar, depois levar-vos-ei comigo”». Em síntese, «dá certezas às curiosidades dos discípulos».

Aliás, reconheceu o Pontífice, «a vida, a nossa vida está repleta de curiosidades». E deste modo «quando somos crianças, na idade dos porquês» perguntamos «pai, porquê? Mãe porquê, porquê, porquê?». Isto acontece precisamente «porque a criança cresce, dá-se conta de coisas que não compreende, e questiona-se: é curiosa, procura explicações». Mas «esta é uma curiosidade boa, porque é uma curiosidade que serve para crescer, para se desenvolver, para ter mais autonomia». E «é também uma curiosidade contemplativa, porque as crianças veem, contemplam, não entendem e perguntam».

«Há outras curiosidades que não são tão boas» advertiu contudo o Papa. «Por exemplo, a de “se intrometer” na vida de outras pessoas». Talvez «alguém diga “mas é coisa de mulheres”. Não, a bisbilhotice não é um património de mulheres e de homens». A ponto que «alguém afirma que os homens são mais bisbilhoteiros do que as mulheres: não sei, mas é um património de todos, é algo ruim porque significa fazer com que a curiosidade não chegue ao lugar certo de uma resposta verdadeira». Ao contrário, consiste «em procurar ir aos lugares que afinal de contas mancham as outras pessoas».

Portanto, «há curiosidades más», insistiu o Pontífice, ou curiosidades que, por fim, me fazem compreender algo que eu não tenho o direito de saber». O Papa sugeriu o «exemplo» de quanto aconteceu «em Tiberíades: Jesus já estava prestes a ir embora, depois da ressurreição, e pergunta três vezes a Pedro se o ama, e Pedro afirma que o ama; e Ele confere-lhe todo o poder, e Pe-

dro, quando termina tudo isto, questiona “e o que acontecerá com ele?” perguntando por João». E «isto significa “intrometer-se”, meter-se na vida dos outros», explicou Francisco: «Esta não é uma curiosidade boa, mas acompanha-nos por toda a vida. É uma tentação que sempre teremos».

Na realidade, garantiu o Papa, «não vos assusteis, mas prestai atenção» dizendo a vós mesmos «não pergunto isto, não olho para isto, não quero isto». E depois há «muitas curiosidades, por exemplo, no mundo virtual, com os telemóveis e outros meios: as crianças vão ali e estão curiosas para ver o que há ali e encontram coisas ruins». Mas «não existe uma disciplina naquela curiosidade». Portanto, «devemos ajudar as crianças a viver neste mundo, para que o desejo de saber não seja a vontade de ser curiosos, acabando prisioneiros desta curiosidade».

«Mas voltemos a refletir sobre estas boas curiosidades dos Apóstolos», insistiu o Pontífice. Na realidade «querem saber acerca de Jesus, saber o que vai acontecer». E assim «inclusive no último momento, quando Jesus estava para subir ao céu, dizem “agora chega a revolução, agora construirá o reino”». É «a curiosidade de conhecer e a certeza: o diálogo entre curiosidades e certezas». Eis, com efeito, que «Jesus responde dando certezas: “Não olheis, isto é assim, eu vou lá”». Há «muitas respostas neste longo discurso à mesa, e não é apenas um discurso: é uma conversa entre eles». Mas «Jesus responde sempre com certezas: nunca, nunca engana. Nunca!».

«Pequenas certezas, mas certezas», repetiu Francisco. E «a certeza é resumida no final do excerto do Evangelho que lemos e ouvimos» explicou o Papa, referindo-se ao trecho de João (14, 21-26), que Francisco definiu «a grande certeza». Com efeito, refere João, «Jesus diz: Disse-vos estas coisas enquanto estou convosco. Mas o Paráclito, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, ensinar-vos-á todas as coisas e vos recordará tudo o que vos tenho dito». E deste modo, explicou o Pontífice, «a certeza ser-nos-á conferida pelo Espírito Santo na vida».

Certamente, «o Espírito Santo não vem com um pacote de certezas» e diz «toma». Mas «nós sigamos em frente com a nossa vida e, abrindo o nosso coração, questionemos o Espírito Santo e ele nos dará a certeza para aquele momento, a resposta para aquele momento!».

«O Espírito Santo – explicou o Papa – é o companheiro de viagem do cristão, é aquele que constantemente nos ensina “não, isto é assim”, aquele que sempre nos recorda “pensa no que disse o Senhor, que era assim”». E «recorda-nos as palavras do Senhor, iluminando-as». No nosso «caminho rumo ao encontro com Jesus é o Espírito quem nos acompanha», quem «confere certeza às nossas curiosidades».

«Assim, este diálogo entre curiosidades humanas e certezas – afirmou o Papa – conclui-se com esta frase de Jesus» a propósito do Paráclito: «Ele ensinar-vos-á todas as coisas e

Em Santa Marta

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 12

vos recordará tudo o que vos tenho dito».

O Paráclito é «o companheiro da memória, o companheiro-mestre», que «nos dá luz e nos conduz onde está a felicidade fixa, aquela que não se move, como rezamos na oração da coleta».

«Vamos aonde há alegria verdadeira, aquela que está enraizada precisamente em Deus, mas com o Espírito Santo para não errar» concluiu o Pontífice. E por esta razão «peçamos hoje ao Senhor duas coisas». Em primeiro lugar, «que nos purifique ao aceitar as curiosidades – existem curiosidades boas e outras menos boas – e saber discernir» dizendo a nós mesmos «não, isto não o devo ver, isto não o devo perguntar». E a «segunda graça» que devemos pedir ao Senhor é a de saber «abrir o coração ao Espírito Santo, porque ele é a certeza: confere-nos a certeza, como companheiro de viagem, das coisas que Jesus nos ensinou, e recorda-nos tudo».

Quinta-feira, 3 de maio

Como se transmite a fé

Nas grandes cidades as empregadas domésticas estrangeiras são cada vez mais frequentemente segundas mães e, com a concretude do amor e do testemunho, transmitem a fé às crianças. E talvez os pais, ocupados com numerosos compromissos de trabalho, tenham que redescobrir a beleza do seu papel na transmissão da fé aos seus filhos, sem esperar o catecismo na paróquia ou alguma esporádica participação na missa.

O Papa convidou de novo a ser testemunhas do Evangelho para sus-

citar a curiosidade em quantos não creem, e assim começar a obra do Espírito Santo, dirigindo um pensamento e uma oração especiais por todos os pais. E a sugestão a não transmitir a fé fazendo proselitismo nem procurando apoio como para uma seleção de futebol.

«No trecho da carta de São Paulo aos Coríntios fala-se da transmissão da fé», observou Francisco referindo-se à primeira leitura (15, 1-8), repetindo as palavras escritas pelo apóstolo: «Eu transmiti a vós antes de tudo o que também recebi». E é precisamente assim, explicou o Papa, que «se deve transmitir a fé: ofereço o que recebi, e Paulo recita o que recebeu». Mas «a fé não é só a recitação do Credo: a fé exprime-se no Credo mas é algo mais». Pois se «tudo aquilo em que cremos está no Credo, a atitude de fé vai além, é outra coisa, maior».

De resto, insistiu o Pontífice, «transmitir a fé não significa dar informações, mas fundar um coração na fé em Jesus Cristo». Por isso, «transmitir a fé não se pode fazer mecanicamente», dizendo: «Toma este livrete, estuda-o e depois eu batizo-te». Não, insistiu, «é outro o caminho para transmitir a fé: é comunicar o que nós recebemos».

É precisamente «este o desafio do cristão: ser fecundo na transmissão da fé», afirmou. Mas é «também o desafio da Igreja: ser mãe fecunda, dar à luz filhos na fé», acrescentou, explicando que «este não é um exagero: é o que dizemos na cerimónia do Batismo». Portanto, eis «a Igreja que “dá à luz”, que é “mãe”». E nesta perspectiva Francisco sugeriu «duas pistas da transmissão da fé».

«A Igreja é mãe se transmite a fé no amor, sempre com ar de amor», disse o Papa, recordando que «não se pode transmitir a fé sem esta característica materna». A ponto que «alguém escreveu elegantemente»



Paul Lock, «Fé» (detalhe)

que «a fé não é concedida, mas dada à luz». E é «a Igreja que dá à luz a fé dentro de nós: ou seja, a transmissão da fé caracteriza-se sempre com o amor da mãe Igreja, dá-se em casa».

O próprio São Paulo, prosseguiu o Papa, «lembra a Timóteo, num bonito trecho: “Recordo a fé da tua mãe e da tua avó”. Portanto, explicou Francisco, «é a fé que deve ser transmitida de geração em geração, como um dom». Mas sempre «no amor, no amor da família: é ali que se transmite a fé, não só com palavras, mas com amor, carícias e ternura».

A este propósito, o Pontífice voltou a propor também o episódio narrado no livro dos Macabeus, «quando aquela mulher encorajava os sete filhos face ao martírio: no texto diz-se que por duas vezes aquela mulher falou aos filhos na língua materna, dava-lhes força na fé, mas na língua materna». Pois «a verdadeira fé se transmite sempre em dialeto: o dialeto do amor, da família, da casa, aquele que se capta no ar». E «talvez a língua seja a mesma, mas ali há algo de dialeto, e ali a fé transmite-se “maternalmente”».

Em síntese, explicou o Papa, se a «primeira atitude para a transmissão da fé é o amor, outra atitude é o testemunho». Na realidade, afirmou, «transmitir a fé não significa fazer proselitismo: é outra coisa, é maior ainda». Sem dúvida, prosseguiu, «não significa procurar pessoas que ajudem esta seleção de futebol, este clube, este centro cultural: isto está bem, mas para a fé não serve o proselitismo». E «Bento XVI disse: “A Igreja cresce não por proselitismo mas por atração”. Com efeito, afirmou Francisco, «a fé transmite-se por atração, ou seja, por testemunho». E, acrescentou, «hoje celebramos a festa de dois apóstolos, Filipe e Tiago, que deram a vida, transmitiram a fé mediante o testemunho». Portanto, devemos testemunhar a fé.

A este propósito, o Papa quis compartilhar uma sua recordação pessoal: «Certa vez numa das jornadas da juventude, acho que foi em Cracóvia, num almoço com os jovens, um deles perguntou-me: “Tenho um amigo que é ateu, mas é muito bom e eu gosto dele. O que devo dizer-lhe para que se converta?”». Eis a resposta franca do Papa: «É melhor que nada lhe digas, age. E que ele se questione: por que este homem se comporta assim? Por que este homem faz assim, quando é

normal fazer o contrário? Dá testemunho!».

É um facto, explicou o Pontífice, que «o testemunho provoca a curiosidade no coração do outro, e o Espírito Santo pega nessa curiosidade» e começa a trabalhar «dentro». Assim, «a Igreja crê por atração, cresce por atração, e a transmissão da fé verifica-se com o testemunho, até ao martírio». Precisamente «quando se vê esta coerência de vida com o que nós dizemos, surge sempre a curiosidade: “Mas por que ele vive assim? Por que leva uma vida de serviço ao próximo?”». E «essa curiosidade é a semente que o Espírito Santo pega e leva em frente; e a transmissão da fé torna-nos justos, justifica-nos».

Portanto, afirmou o Papa, «a fé justifica-nos, e na sua transmissão nós fazemos verdadeira justiça aos outros». No fundo, «é simples» o que Paulo escreve aos Coríntios: «Eu transmiti a vós antes de tudo o que também recebi». As palavras do apóstolo são claras: «Eu transmiti o que recebi». Recordam «a transmissão da fé no amor, em casa». Mas, relevou Francisco, «muitas vezes em casa ouvimos dizer: “Quando frequentar o catecismo, aprenderá”». E «muitas vezes são as empregadas domésticas, mulheres de fé, que transmitem a fé às crianças: até as empregadas domésticas estrangeiras». Talvez os «pais trabalhem; talvez vão à missa uma, duas, três, quatro vezes por ano, talvez vão à missa de vez em quando, são católicos, mas não sabem transmitir a fé; são as empregadas domésticas que a transmitem».

E este, afirmou o Pontífice, «é um facto que se vê todos os dias nas grandes cidades e até aqui na Itália». A fé transmite-se «com o amor» e «a empregada doméstica é aquela que acaricia, que cuida, que faz crescer, que ajuda a mãe, é como uma segunda mãe». E «isto significa transmitir a fé no amor, no testemunho», porque não se trata de «transmitir uma filosofia», mas de «transmitir algo que te justifica, que te torna justo aos olhos de Deus».

Por fim, o Papa convidou a pedir «ao Senhor por tantos pais para que saibam cuidar disto, pois transmitir a fé é algo grandioso, muito bonito». E pedir «por tantos cristãos a fim de que o Senhor lhes conceda a todos a força de dar testemunho e, com o testemunho, semear curiosidade; e o Espírito Santo pega naquela curiosidade e abre o coração para receber a fé».

Três pilares para a vida consagrada

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 8

Para falar disto, tomei como ponto de partida a escassez das vocações: isto amargura a alma. “Não tenho descendência”, era a lamentação do nosso pai Abraão: “Senhor, as minhas riquezas serão herdadas por um estrangeiro”. O Senhor disse-lhe: “Tem paciência. Terás um filho” – “Mas com 90 anos?”, e a esposa por detrás da janela – desculpai-me – como as mulheres: espiava da janela – mas esta é uma qualidade das mulheres, está bem, não é má – sorria, pois pensava: “Mas eu, com 90 anos? E o meu esposo, quase com 100, temos um filho?”. “Paciência”, disse o Senhor. Esperança. Em frente, sempre em frente.

Estai atentos a estes três “p”: *prece, pobreza e paciência*. Estai atentos. E penso que ao Senhor agradecerão opções – digo a palavra de que não gosto – opções *radicais* neste sentido. Quer sejam pessoais

quer comunitárias. Mas apostai nisto.

Agradeço-vos a paciência que tivestes para ouvir este sermão [rim, aplausos]. Agradeço-vos. E desejo-vos fecundidade. Nunca se sabe por que vias passa a minha fecundidade, mas se tu rezares, se fores pobre, se fores paciente, tem a certeza de que serás fecundo. Como? O Senhor mostrar-te-á “do outro lado”; mas é a receita para ser fecundo. Serás pai, serás mãe: a fecundidade. Eis o que desejo à vida religiosa, ser fecunda.

Obrigado! Continuai a estudar, a trabalhar, a fazer propostas boas, mas que sejam sempre com aquele olhar que Jesus quer. E quando pensardes no primeiro “p”, pensai em mim e rezaí por mim. Obrigado!

Agora rezemos a Nossa Senhora: “Ave Maria...”

[Bênção]

Tende um dia feliz!

Beatificado na Hungria o mártir János Brenner

Assassinado enquanto levava a comunhão

Educador dos jovens para a vida boa do Evangelho, respeitador do próximo, promotor da concórdia na sociedade e da harmonia nas famílias. O jovem vice-pároco húngaro János Brenner foi uma das vítimas da crueldade comunista. Eis o que recordou o cardeal Angelo Amato, prefeito da Congregação para as causas dos santos, presidindo, em representação do Papa Francisco, ao rito de beatificação do sacerdote mártir, na manhã de terça-feira, 1 de maio, em Szombathely, na Hungria.

Quando o novo beato era criança interpretou, numa peça teatral na escola, o pequeno mártir São Tarcísio, assassinado no século III, durante a perseguição romana, enquanto levava a Eucaristia aos doentes. O martírio de padre Brenner repropõe precisamente este episódio. Com efeito, na noite de 14 de dezembro de 1957, recordou o purpurado, foi «chamado por um jovem, que precedentemente tinha sido coroinha, para levar o sacramento dos enfermos ao tio moribundo». O jovem vice-pároco, com o pacotinho da Eucaristia ao peito, pôs-se imediatamente a caminho. Mas era uma cilada. De facto, padre János sofreu uma agressão

violenta e mortal. «Foram-lhe infligidos mais de trinta punhaladas – explicou o cardeal – e foi encontrado na madrugada do dia 15 de dezembro de 1957 nos arredores da aldeia de Zsida, com a mão esquerda ao peito para proteger a Eucaristia, como o mártir Tarcísio».

Padre Brenner era «amado por todos, grandes e pequenos, pela limpidez do seu olhar e pelo seu temperamento jovial». Não obstante a opressão do regime, «escolheu com alegria tornar-se sacerdote. Era corajoso. Mesmo ciente do perigo, perseverou na sua vocação de servir o Senhor e de iluminar os jovens com a palavra de Jesus». Pouco antes da emboscada, já tinha sofrido um atentado, mas não se atemorizou. Sabia arriscar a vida; «perseverou na sua missão» não obstante «o sentimento de que em breve teria sido assassinado pelo regime». Aliás, disse o cardeal, a sua vida virtuosa tinha-o preparado para o martírio. Padre János era um jovem sereno. «Rezava com fé, visitava os doentes e os idosos e para todos tinha palavras de consolação e de conforto». A sua presença sorridente «infundia confiança e alegria». Mesmo provin-

do de uma família abastada, «ele era pobre». Muitas vezes afirmava que não lhe «podiam causar mal, porque nada lhe podiam roubar. Tinha apenas um par de calças remendadas».

O prefeito recordou a «feroz perseguição comunista anticatólica» daqueles anos na Hungria. A Igreja era «combatida e humilhada nos seus pastores e fiéis». A 26 de dezembro de 1948 «foi preso o cardeal József Mindszenty e condenado à prisão perpétua».

No verão de 1950 «foram deportados cerca de 2.500 religiosos e no mês de agosto foi fechada a faculdade de teologia de Budapeste». Além disso, o regime criou também «um movimento de sacerdotes pela paz com o objetivo de causar discórdia e divisões no clero». A 23 de outubro de 1956 desencadeou-se a famosa revolução húngara em Budapeste, «sufocada imediatamente no sangue com cerca de dez mil vítimas, sobretudo jovens estudantes e operários». Existe a documentação, revelou o



purpurado, «ainda incompleta, de mais de mil e quinhentos sacerdotes diocesanos e seminaristas e de quase quinhentos religiosos aprisionados e condenados injustamente à morte»: algumas destas vítimas foram beatificadas pela Igreja.

Contudo, concluiu o prefeito, este é o legado que nos deixa o beato János Brenner: «A atitude cristã perante os perseguidores é a oração pela sua conversão e pelo perdão das suas perversões».

Com a vitamina da família

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 3

centes: «Disseste: o que posso fazer? Deves fazer tudo com alegria». Porque a Igreja não cresce por proselitismo, mas por atração.

Da família para a família: o último pronunciamento foi do pequeno escoteiro Mattia, dez anos, que pediu uma oração pela mãe que deve ser operada. O Papa aproveitou a pergunta para recomendar a todos que rezem sempre pelos pais: «Eles rezam por vós, mas vós rezais por eles?». E concluiu: «a família faz-se assim: com a oração».

O encontro sucessivo do Pontífice com cerca de cento e cinquenta idosos que o esperavam numa grande sala adjacente à igreja, foi realizado também no sinal do vínculo familiar e da união entre as gerações. Francisco saudou-os um por um, ouvindo de alguns uma breve confidência. Uma senhora comovida, disse-lhe: «Sou cega e surda, mas pelo menos toquei o Papa!». E ele, improvisando algumas palavras por uns minutos, agradeceu-lhes o trabalho, as orações e o contributo importante que oferecem à Igreja, «a sabedoria da vida». Recordando o trecho evangélico de Simeão e Ana, o Pontífice convidou os idosos a «abrir o coração ao Espírito Santo» e orgulhar-se por serem «uma riqueza para a Igreja». Acrescentando: «A civilização moderna faz tudo para que pensais que já estais ultrapassados», mas são mentiras: «Sois as raízes! Temos necessidade de vós!».



«Uma mulher excepcional» que, durante o clima turbulento da primeira industrialização, «se distinguiu pela sua audácia apostólica e perseverança em praticar o bem», dedicando-se de modo particular à defesa e à educação das crianças pobres. Assim foi Clara Fey, fundadora da congregação das Irmãs do pobre Menino Jesus, enfatizou o cardeal Angelo Amato, prefeito da Congregação para as causas dos santos, ao presidir, em representação do Papa Francisco, ao rito de beatificação da religio-

Beatificada em Aachen

O sonho de Clara Fey

muito jovem como fazer frutificar o elevado nível de instrução recebido. Um sonho feito na adolescência esclareceu a sua vocação: sonhou que encontrava pela rua um menino pobre e mal vestido que lhe pedia esmola. E perguntando-lhe onde morava, com o dedo o menino apontou para o céu, dizendo que tinha muitos irmãos pobres como ele.

Desde então começou o caminho de Clara Fey, totalmente orientado para o bem do próximo. O motor da sua ação, explicou o cardeal Amato, foi sempre unicamente uma «fé profunda» alimentada «pela oração, pela frequência dos sacramentos, e também pela cultura sacra». De facto, era uma leitora apaixonada não só das Escrituras mas também das obras de Teresa de Ávila, João da Cruz, Francisco de Sales, Afonso Maria de Ligório. O seu único ideal «era fazer o bem ao próximo», agir «com caridade e misericórdia para com todos, sobretudo para com os pequeninos».

Com a sua vida e a sua congregação, recordou o prefeito da Congregação para as causas dos santos, Clara Fey preocupou-se constantemente em «promover a dignidade das jovens pobres, educando-as e protegendo-as contra os perigos do abandono e da marginalização». Uma ação preciosa e constante que não se interrompeu nem sequer com a perseguição política, com a confiscação dos bens e a expulsão da Alemanha: «aliás, floresceu como uma rosa no meio dos espinhos».

sa, a 4 de maio, em Aachen, Alemanha.

Mulher tenaz na fé e no caráter, que não se importava com o julgamento dos conformistas, incomodada pelo facto de que uma jovem culta e abastada como ela se preocupasse pela sorte dos mais humildes, Clara Fey foi um verdadeiro «sol de caridade evangélica que no século XIX iluminou a Igreja católica na Alemanha e na Holanda». Educada numa família de profundas raízes religiosas, Clara compreendeu desde

INFORMAÇÕES

Audiências

O Papa Francisco recebeu em audiências particulares:

A 3 de maio

O Senhor Cardeal Domenico Calcagno, Presidente da Administração do Patrimônio da Sé Apostólica; D. Luis Urbanč, Bispo de Catamarca (Argentina); D. Heinrich Wilmer, Bispo eleito de Hildesheim (Alemanha); e os seguintes Prelados da Conferência Episcopal da Tailândia, em visita «ad limina Apostolorum»: Senhor Cardeal Francis Xavier Kriengsak Kovithavanij, Arcebispo de Bangkok; D. Silvio Siripong Charatsri, Bispo de Chanthaburi; D. Francis Xavier Vira Arprondratana, Bispo de Chiang Mai; D. Joseph Pibul Visitnondachai, Bispo de Nakhon Sawan; D. John Bosco Panya Kritcharen, Bispo de Ratchaburi; D. Joseph Prathan Sridarunsil, Bispo de Surat Thani; D. Louis Chamniern Santisukniran, Arcebispo de Thare e Nonseng; D. Joseph Chusak Sirisut, Bispo de Nakhon Ratchasima; D. Philip Banchong Chaiyara, Bispo de Ubon Ratchathani; D. Joseph Luechai Thatwisai, Bispo de Udon Thani; e D. Joseph Wudhilerd Hablon, Bispo eleito de Chaing Rai.

A 4 de maio

O Senhor Cardeal Fernando Filoni, Prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos; e D. José Vicente Conejero Gallego, Bispo de Formosa (Argentina).

A 5 de maio

Mensagem vídeo do Pontífice

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 7

balho.

Esta obra imensa, que exige coragem, paciência e perseverança, tem necessidade de um esforço comum e global por parte de vários protagonistas que compõem a sociedade. Inclusive as Igrejas devem comprometer-se a favor disto. Enquanto indivíduos e grupos especulam vergonhosamente sobre a escravidão, nós cristãos, todos juntos, somos chamados a desenvolver uma colaboração cada vez maior, a fim de que se superem todos os tipos de desigualdade e discriminação, pois são precisamente elas que tornam possível que um homem escravize outro. Um compromisso comum para enfrentar este desafio será uma ajuda preciosa para a construção de uma sociedade renovada e orientada para a liberdade, a justiça e a paz.

Faço votos para que este Fórum tenha bom êxito; peço ao Senhor que vos abençoe e abençoe também o trabalho que estais a fazer. E, por favor, não vos esqueçais de rezar por mim.

Obrigado!

O Senhor Cardeal Marc Ouellet, Prefeito da Congregação para os Bispos.

A 8 de maio

Na parte da tarde: os seguintes Prelados da Conferência Episcopal de Myanmar, em visita «ad limina Apostolorum»: D. Nicholas Mang Thang, Arcebispo de Mandalay; D. Raymond Sumlut Gan, Bispo de Banmaw; D. Lucius Hre Kung, Bispo de Hakha; D. Philip Lasap Za Hawng, Bispo de Lashio; D. Francis Daw Tang, Bispo de Myitkyina; D. Basilio Athai, Arcebispo de Taunggyi; D. Peter Louis Cakü, Bispo de Kengtung; D. Stephen Tjephe, Bispo de Loikaw; D. Peter Hla, Bispo de Pekhon; D. Isaac Danu, Bispo de Taungngu; Cardeal Charles Maung Bo, Arcebispo de Yangon, com o Auxiliar D. John Saw Yaw Han; D. Justin Saw Min Thide, Bispo de Hpa-an; D. Raymond Saw Po Ray, Bispo de Mawlamyine; D. John Hsane Hgyi, Bispo de Pathein; e D. Alexander Pyone Cho, Bispo de Pyay.

Renúncias

O Santo Padre aceitou a renúncia:

No dia 3 de maio

De D. Ilídio Pinto Leandro, ao governo pastoral da Diocese de Viseu (Portugal).

No dia 9 de maio

De D. Irineu Gassen, O.F.M., ao governo pastoral da Diocese de Vacaria (Brasil).

Nomeações

O Sumo Pontífice nomeou:

A 3 de maio

Consultor do Pontifício Conselho para a Cultura, D. Anton Stres, Arcebispo Emérito de Liubliana (Eslovénia).

Bispo de Viseu (Portugal), o Rev.^{do} Cón. António Luciano dos Santos Costa, do clero da Diocese da Guarda, até à presente data Vigário Episcopal para o Clero.

D. António Luciano dos Santos Costa nasceu a 3 de maio de 1952 em Corgas, diocese da Guarda, frequentou o Colégio São Romão em Seia e sucessivamente obteve o diploma de enfermeiro profissional em Coimbra. Exerceu a profissão de enfermeiro no hospital universitário da mesma cidade e, contemporaneamente, frequentou o local instituto de estudos teológicos, estudando depois no seminário maior da Guarda (1981-1985). Foi ordenado Sacerdote para o clero da Guarda em 29 de junho de 1985, tendo sido por dois anos responsável do pré-seminário e diretor do secretariado para a educação da juventude. Em Roma obteve a licenciatura em teologia moral na Academia alfonsiana (1987-1990), ensinou a mesma matéria no instituto superior de teologia em Viseu (1995-2013) e ética na escola para enfermeiros na Guarda. A nível diocesano foi diretor do serviço de pastoral vocacional, capelão da universidade da Beira

(Covilhã), responsável pela organização do processo de beatificação e canonização do bispo João de Oliveira Matos, capelão do hospital Sousa Martins, responsável da pastoral para o ensino superior no instituto politécnico. Desde 1990 foi pároco em várias comunidades: no vicariato forâneo de Covilhã (Vila do Carvalho, São Martinho e São José) e da Guarda (Vale de Estrela); e arcepreste da Guarda. Até agora era administrador das paróquias de Vale do Mondego (Pero Soares, Vila Soeiro, Misarela, Faia, Cavadoúde, Aldeia Viçosa, Vila Cortês do Mondego e Porto da Carne), vigário episcopal para o clero, membro do conselho presbiteral e juiz do tribunal eclesiástico.

A 5 de maio

Membro Ordinário da Pontifícia Academia das Ciências, a Senhora Elaine Fuchs, Professora de Biologia Celular na Rockefeller University, Nova Iorque (EUA).

A 9 de maio

Bispo da Diocese de Vacaria (Brasil), o Rev.^{do} Pe. Silvío Guterres Dutra, do clero da Arquidiocese de Porto Alegre, até esta data Reitor do Seminário Maior Nossa Senhora da Conceição.

D. Silvío Guterres Dutra nasceu a 6 de junho de 1966 em Encruzilhada do Sul, Diocese de Santa Cruz do Sul, no Estado do Rio Grande do Sul. Completou os estudos de Filosofia e Teologia na Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre. Em seguida obteve a Licenciatura em Teologia Pastoral na Pontifícia Universidade Luterana em Roma (1999-2001). Foi ordenado Sacerdote a 18 de dezembro de 1993 e incardinado na Arquidiocese de Porto Alegre, na qual desempenhou as seguintes funções: Vigário Paroquial em Camaquã (1994); Pároco em Porto Alegre nas paróquias de Santa Ana (1995-1997), de Nossa Senhora do Montserrat (1998-1999) e de Madre Teresa de Calcutá (2002); Pároco de Nossa Senhora de Fátima em Guaíba (2002-2012); Coordenador de Pastoral do Vicariato de Guaíba (2004-2011); e Vice-Reitor do Seminário Maior Nossa Senhora da Conceição em Viamão (2012).

Bispo de San Fernando de la Union (Filipinas), o Rev.^{do} Pe. Daniel O. Presto, do clero da Diocese de Iba, até hoje Administrador dessa Sede.

D. Daniel O. Presto nasceu em Mangaldan Pangasinan, (Filipinas), no dia 7 de abril de 1963. Recebeu a Ordenação sacerdotal a 1 de dezembro de 1990.

Prelados falecidos

Adormeceram no Senhor:

No dia 28 de abril

D. Ramón López Carrozas, O. de M., Bispo Emérito de Bom Jesus do Gurgueia (Brasil).

O ilustre Prelado nasceu em Sarriá (Espanha), a 31 de agosto de 1937. Foi ordenado Sacerdote no dia 10 de abril de 1960. Recebeu a Ordenação episcopal em 27 de maio de 1979. Renunciou ao governo pastoral da Diocese a 15 de janeiro de 2014.

No dia 5 de maio

D. Michele Castoro, Arcebispo de Manfredonia – Vieste – San Giovanni Rotondo (Itália).

O saudoso Prelado nasceu no dia 14 de janeiro de 1952, em Altamura (Itália). Recebeu a Ordenação sacerdotal a 6 de agosto de 1977. Foi ordenado Bispo em 25 de junho de 2005.

No dia 6 de maio

D. Leonard Anthony Faulkner, Arcebispo Emérito de Adelaide (Austrália).

O venerando Prelado nasceu em Boleroo Centre (Austrália), no dia 5 de dezembro de 1926. Foi ordenado Sacerdote a 1 de janeiro de 1950. Recebeu a Ordenação episcopal em 28 de novembro de 1967.

Início de Missão de Núncio Apostólico

D. Alessandro D'Errico, Arcebispo Titular de Hyccarum, na Líbia (25 de março).

O Papa recebeu em audiência Miroslav Lajčák



O Papa recebeu em audiência na manhã de segunda-feira, 30 de abril, Miroslav Lajčák, presidente da septuagésima segunda sessão da assembleia geral das Nações Unidas, acompanhado do séquito

Na audiência geral o Pontífice falou sobre o batismo

Um selo que nunca se perde

E renovou o convite a rezar pela paz na Síria e no mundo

«Somos filhos de Deus» através do Batismo, «renascidos para sempre», ressaltou o Papa Francisco na audiência geral de quarta-feira 9 de maio, na praça de São Pedro. Dando continuidade ao ciclo de catequeses dedicadas ao sacramento da iniciação cristã, o Pontífice falou sobre o rito central do «santo lavacro», acompanhado pela invocação da Santíssima Trindade.

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

A catequese sobre o sacramento do Batismo leva-nos a falar hoje sobre o santo lavacro, acompanhado pela invocação à Santíssima Trindade, ou seja, o rito central que propriamente “batiza” – isto é, *imerge* – no Mistério pascal de Cristo (cf. *Catecismo da Igreja Católica*, 1239). O sentido deste gesto é evocado por São Paulo aos cristãos de Roma, primeiro perguntando: «Ignorais que todos os que fomos batizados em Jesus Cristo, fomos batizados na sua morte?», e depois respondendo: «Fomos, pois, sepultados com Ele na sua morte pelo Batismo para que, como Cristo ressurgiu dos mortos pela glória do Pai, assim nós também vivamos uma vida nova» (*Rm* 6, 3-4). O Batismo abre-nos a porta para uma vida de ressurreição, não para uma vida mundana. Uma vida segundo Jesus.

A pia batismal é o lugar em que se faz a Páscoa com Cristo! O homem velho é sepultado com as suas paixões enganadoras (cf. *Ef* 4, 22), para que renasça uma nova criatura; verdadeiramente, passou o que era velho; eis que tudo se fez novo (cf. *2 Cor* 5, 17). Nas “Catequeses” atribuídas a São Cirilo de Jerusalém é explicado assim aos neófitos quanto lhes aconteceu na água do Batismo. É bonita esta explicação de São Cirilo: «No mesmo instante morreis e nasceis, e a mesma onda salutar torna-se para vós sepulcro e mãe» (n. 20, *Mistagógica* 2, 4-6; PG 33, 1079-1082). O renascimento do novo homem exige que seja reduzido a pó o homem corrompido pelo pecado. Com efeito, as imagens do *túmulo* e do *ventre materno*, referidas à fonte, são muito incisivas para expressar o que acontece de grandioso através dos simples gestos do Batismo. Aprecie-me citar a inscrição que se encontra no antigo Batistério romano do Latrão onde se lê, em latim, esta expressão atribuída ao Papa Sisto III: «A Mãe Igreja dá à luz virginalmente mediante a água os filhos que concebe pelo sopro de Deus. Quantos de vós renascentes desta fonte, esperai o reino dos céus» («*Virgineo fetu genitrix Ecclesia natos / quos spirante Deo concipit anne parit. / Caelorum regnum sperate hoc fonte renatis*»). É bonito: a Igreja que nos faz nascer, a Igreja que é um ventre, é a nossa Mãe através do Batismo.

Se os nossos pais nos geraram para a vida terrena, a Igreja regenerou-nos para a vida eterna no Batismo. Tornamo-nos filhos no seu Filho Je-

sus (cf. *Rm* 8, 15; *Gl* 4, 5-7). Também sobre cada um de nós, renascidos da água e do Espírito Santo, o Pai celestial faz ressoar com amor infinito a sua voz que diz: «Tu és o meu filho amado» (cf. *Mt* 3, 17). Esta voz paternal, imperceptível ao ouvido mas bem audível pelo coração de quem crê, acompanha-nos durante a vida inteira, sem nunca nos abandonar. Durante toda a vida, o



Detalhe da inscrição no batistério lateranense

Pai diz-nos: “Tu és o meu filho amado, tu és a minha filha amada”. Deus ama-nos muito, como um Pai, e não nos deixa sozinhos. E isto, desde o momento do Batismo. Somos filhos de Deus renascidos para sempre! Com efeito, o Batismo não se repete, porque imprime *um selo espiritual indelével*: «Este selo não é apagado por pecado algum, embora o pecado impeça o Batismo de produzir frutos de salvação» (*CIC*, n. 1272). O selo do Batismo nunca se perde! “Padre, mas se alguém se torna um bandido, dos mais terríveis, que mata as pessoas, que comete injustiças, o selo desaparece?”. Não! Aquele filho de Deus, é o homem que faz estas coisas para a própria vergonha, mas o selo não se apaga. E ele continua a ser filho de Deus, que vai contra Deus, mas Deus nunca renega os seus filhos. Compreendestes? Deus nunca renega os seus filhos. Repitamo-lo todos juntos? “Deus nunca renega os seus filhos”. Um pouco mais alto,

pois eu, ou sou surdo, ou não entendi: [repetem mais alto] “Deus nunca renega os seus filhos”. Então, assim está bem!

Por conseguinte, incorporados a Cristo por meio do Batismo, os batizados são conformados com Ele, «o primogénito entre uma multidão de irmãos» (*Rm* 8, 29). Mediante a ação do Espírito Santo, o Batismo purifica, santifica, justifica, para formar em Cristo, de muitos, um só corpo (cf. *1 Cor* 6, 11; 12, 13). Expri-me-o a *unção crismal*, «que é sinal do sacerdócio real do batizado e da sua agregação à comunidade do povo de Deus» (*Rito do Batismo das*

dote, rei e profeta, sejais sempre membros do seu corpo para a vida eterna» (*ibid.*, n. 71).

Irmãos e irmãs, a vocação cristã consiste totalmente nisto: viver unidos a Cristo na santa Igreja, participes da mesma consagração para desempenhar a mesma missão neste mundo, dando frutos que perduram para sempre. Com efeito, animado pelo único Espírito, todo o Povo de Deus participa das funções de Jesus Cristo, “Sacerdote, Rei e Profeta”, e assume as responsabilidades de missão e serviço que disto derivam (cf. *CIC*, 783-786). O que significa participar do sacerdócio real e profético de Cristo? Significa fazer de si uma oferta agradável a Deus (cf. *Rm* 12, 1), dando-lhe testemunho através de uma vida de fé e de caridade (cf. *Lumen gentium*, 12), colocando-a ao serviço dos outros, a exemplo do Senhor Jesus (cf. *Mt* 20, 25-28; *Jó* 13, 13-17). Obrigado!

O Papa renovou o apelo «a cultivar a devoção à Mãe de Deus com a recitação diária do Rosário, rezando em especial pela paz na Síria e no mundo inteiro». O convite foi dirigido aos fiéis de língua árabe, saudados no final da catequese juntamente com outros grupos linguísticos presentes na audiência.

Queridos peregrinos de língua portuguesa, bem-vindos! Saúdo cordialmente os vários grupos paroquiais, os Missionários Redentoristas e a Família Franciscana do Brasil, bem como os membros do Instituto para o Desenvolvimento Social, de Lisboa. Que esta peregrinação fortaleça nos vossos corações o sentir e o viver com a Igreja, perseverando na reza diária do terço. Podereis assim reunir-vos quotidianamente com a Virgem Mãe, aprendendo d’Ela a cooperar plenamente com os desígnios de salvação que Deus tem sobre cada um. O Senhor vos abençoe, a vós e aos vossos entes queridos!

Dirijo cordiais boas-vindas aos peregrinos de língua árabe, em particular aos provenientes do Médio Oriente! Estimados irmãos e irmãs, o mês de maio é dedicado a Nossa Senhora; convido-vos a cultivar a devoção à Mãe de Deus com a recitação diária do Rosário, rezando em especial pela paz na Síria e no mundo inteiro. O Senhor vos abençoe!

Dirijo um pensamento especial aos jovens, aos idosos, aos doentes e aos recém-casados. Estamos no mês de maio, tempo dedicado à Bem-Aventurada Virgem Maria. Cultivai a devoção a Nossa Senhora com a recitação quotidiana do Terço, a fim de que, como a Mãe de Deus, acolhendo os mistérios de Cristo na vossa vida, possais ser cada vez mais um dom de amor para todos.

Obrigado!

